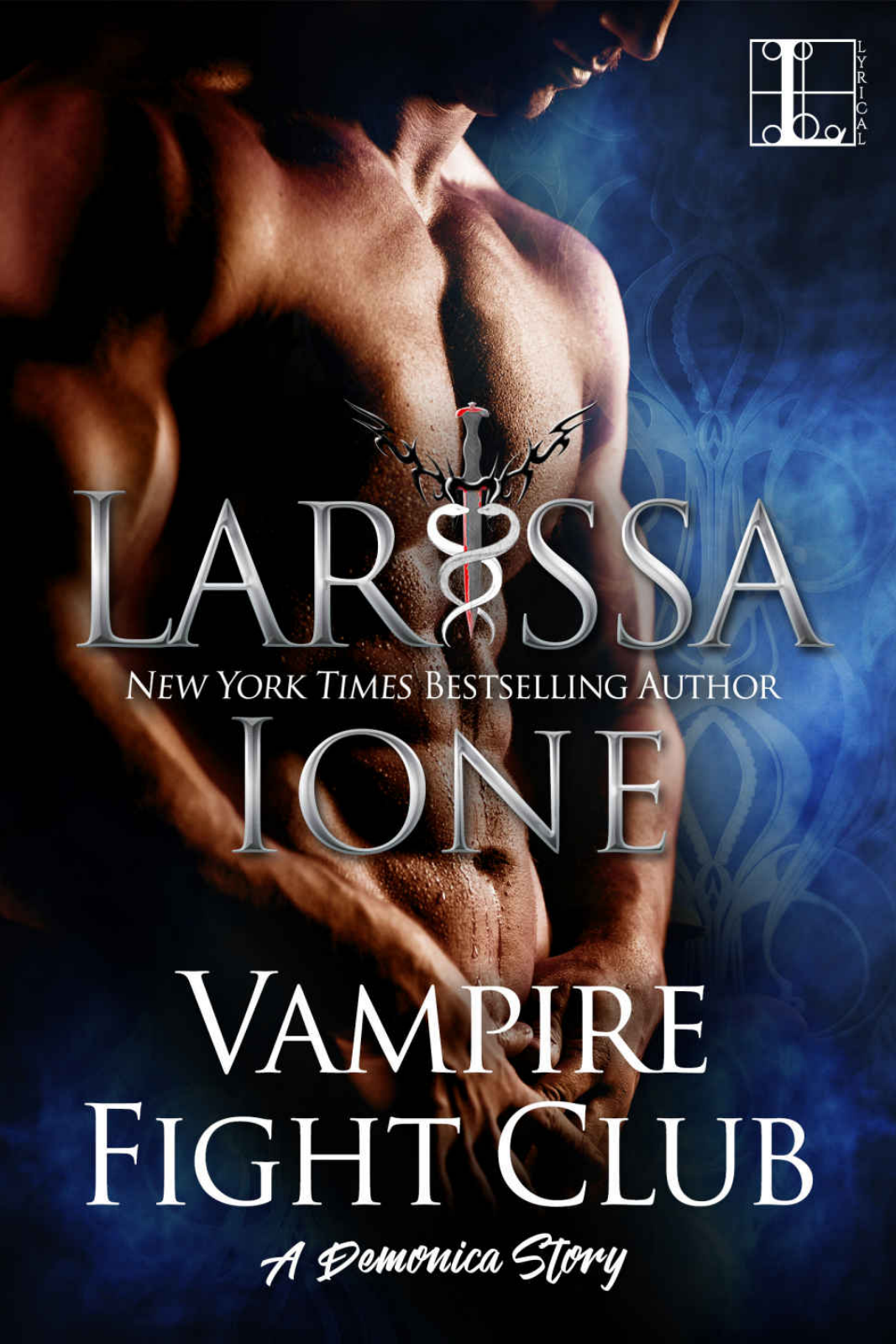


A close-up, artistic photograph of a male torso. The man's skin is dark and glistening with sweat. A tattoo is visible on his upper back, featuring a central dagger with a red hilt and black wings. The background is a deep blue with faint, ornate patterns.

LARSSA

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

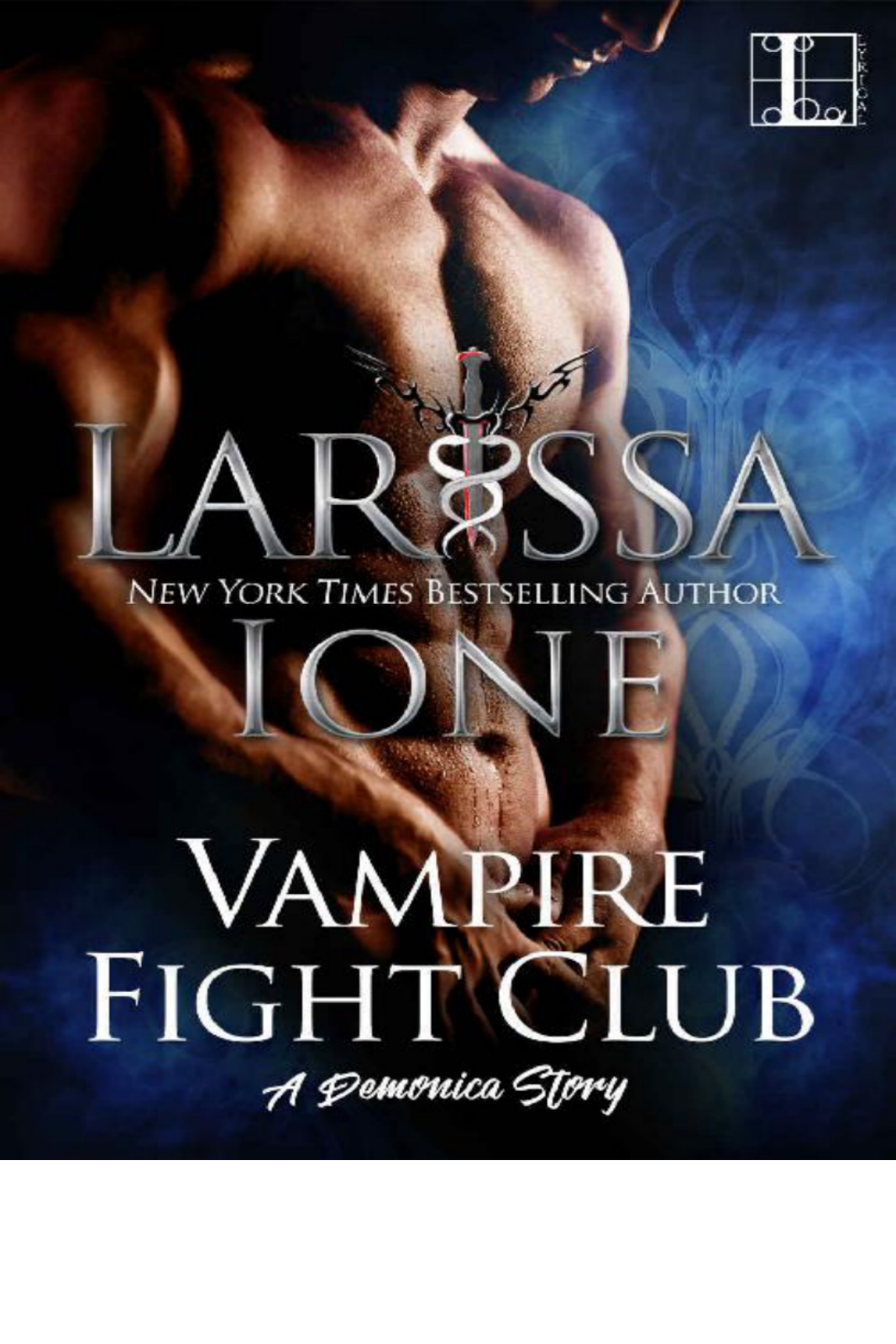
IONE

VAMPIRE
FIGHT CLUB

A Demonica Story

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



LARSSA

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

IONE

VAMPIRE
FIGHT CLUB

A Demonica Story

VAMPIRE FIGHT CLUB

Larissa Ione

1.5 - Lords of Deliverance

#

6.5 - Demonica

UM

Sangue. Violência. Sexo. Aplausos das multidões.

Nada disso perturbou Nathan Sabine. Se alguém lhe dissesse há cem anos que ele ficaria completamente entorpecido com a batalha de gladiadores que se desenrolaria na arena da pista de hóquei debaixo de sua cabine VIP, ele teria arrancado a garganta com os dentes.

Inferno, isso ainda soava como um bom plano.

Em vez disso, ele estava assistindo um shifter de hiena arrancar a garganta de outro shifter de hiena. Deveria ter sido o mesmo, antigo, mesmo velho, mas um dos machos não havia se deslocado da sua forma humana.

Foi por isso que o homem sofreu uma séria desvantagem e porque agora estava sangrando na areia.

Nate não deu uma merda porque o cara queria lutar nesta batalha, mas ele deveria saber que não podia ganhar. O bobo. Nenhuma quantidade de dinheiro valia a pena morrer. Nada valia a pena.

Virando as costas para o rugido sanguinário dos espectadores, Nate saiu da caixa de visualização privada reservada para o pessoal do clube e imaginou se era possível odiar-se mais do que ele agora. Duvidoso. Ele pode estar anestesiado para tudo fora de seu corpo, mas dentro, ele era um caldeirão fervente de auto aversão. Às vezes, ele pensava que se não fosse um adepto do dia, um vampiro raro que poderia tolerar a luz natural, ele sairia ao sol e acabaria com tudo.

E ele não era um hipócrita de proporções épicas, dado que simplesmente se perguntou por que a hiena não-shifter havia desistido de sua vida.

Ele desceu as escadas para a área comum, onde as pessoas procuravam refrescos e faziam apostas enquanto

esperavam a próxima partida da morte. Ao mesmo tempo, o cheiro azedo da excitação e ganância revirara seu estômago. Agora era como qualquer outro odor desagradável que o nariz aprendeu a ignorar. Ultimamente, o fedor era mais forte, o resultado de um comando do grande chefe para intensificar o número de lutas, e a brutalidade, para manter o ritmo da agitação no mundo subterrâneo. Fade estava desesperado por continuar pagando aos espectadores para virem ao clube em vez de desfrutar a violência em outro lugar de graça.

A multidão se separou de Nate, alguns sussurrando seu nome quando ele passou. Um macho demoníaco de pele cinza perto da grade do poço perguntou quando Nate lutaria novamente, e ele acenou, seu cabelo preto caindo sobre os ombros, suas presas descobertas.

— Você se oferece para entrar no poço comigo, demônio? Porque estou ansioso para colocar outro conjunto de chifres na minha parede.

A batida normalmente inaudível da música no andar de cima do clube de dança tocou suficientemente clara no súbito silêncio para identificar o artista.

O demônio limpou sua garganta carnuda enquanto Goldfrappe *Ooh La La'd* chegou ao final da música. — Outra hora, talvez.

— Foi o que eu pensei. — Nate não estava na arena em quase sete décadas, e esses idiotas ainda queriam vê-lo lutar. Ninguém se ofereceu para entrar no poço com ele.

Ele cortou a multidão e passou pelos dois guardas que mantiveram o público em geral fora do túnel, separando Gladius da Thirst, a respeitável metade do complexo do clube. Ele só foi cerca de dez metros e pegou a primeira esquina quando ouviu passos atrás dele.

— Patrão.

Nate parou, mas não se virou. — O que, Gunnar?

— O corpo, senhor. — A voz do lobisomem foi muito mais do que um estrondo no salão sombrio.

— Por que você está me perguntando? Onde está Budag?

— Ele saiu.

Budag, que antes era a mão direita de Attila Hun, era a única pessoa além do dono do clube que ultrapassava Nate, mas o idiota quase nunca estava por perto. Nate não tinha ideia do que o demônio na roupa humana fazia no seu tempo livre, mas certamente parecia ter muito disso.

Exalando uma maldição, Nate olhou para as lâmpadas fluorescentes cintilantes no teto. — O homem é um shifter. Você conhece as regras.

Normalmente, os mortos alimentavam as criaturas que eram mantidas como isca para treinar ou para fósforos reais de gladiadores, mas algumas espécies, incluindo a maioria dos shifters, poderiam se ligar tão fortemente a um companheiro, que mesmo depois da morte, o parceiro sobrevivente seria levado a encontrá-lo. O clube não podia pagar por algumas mulheres afligidas e chateadas para rastrear os restos do homem e causar problemas.

— Sim senhor.

Nate continuou pelo corredor e subiu um lance de escadas de cimento. Um observador casual que chegasse ao pouso estreito veria apenas um monitor montado em uma parede preta texturizada. Nate verificou a tela granulada, e após garantir que ninguém estava dentro de seu escritório, ele empurrou a parede, abrindo uma porta escondida.

Do lado do escritório, a porta parecia não ser mais do que um rack de vinho resistente, e fez um sussurro de um clique quando fechou. Somente a liderança da Thirst sabia que esta era uma das duas entradas do clube de dança para o clube de luta. A maioria dos funcionários da Thirst nem percebiam que por trás e embaixo do bar de vampiros mais popular da América do Norte havia a arena de sangue mais popular no mundo humano.

Nate sabia há mais de cem anos. Ele sabia, e planejava derrubá-lo. E faria, quando o tempo fosse certo.

O repugnar de si mesmo caiu através dele novamente, porque cantava essa música por décadas. Têm chegado muitos tempos certos, e ele não fizera nada. Seu interesse era tão morto quanto seu coração.

Amaldiçoando-se, ele bateu a porta da frente de seu escritório e entrou em outro corredor, este iluminado, as paredes rebocadas de murais chamativos retratando cenas de várias criaturas do submundo, revelando suas ranhuras sob globos de discoteca. Seus sapatos se afundaram no tapete carmesim de pelúcia enquanto caminhava em direção à área pública do clube. A música tornou-se mais alta enquanto caminhava, latejando por ele como um pulso e concedendo-lhe a ilusão, pelo menos, que estava vivo.

Uma vez que atravessou a porta balançando no final do corredor, ele imediatamente foi assaltado por calor sensual, brilhante, luzes coloridas que escorreram na escuridão, e todos os sons eróticos que acompanhavam um lugar como este. O nível mais baixo era uma massa de corpos contorcidos, pessoas dançando, fazendo sexo, alimentando-se. Nas mesas e nos sofás que alinhavam as paredes nos níveis superior e inferior, havia mais sexo e alimentação. As garçonetes de coquetéis entregavam bebidas sob os olhos atentos dos seguranças que garantiram que as garçonetes não fossem molestadas.

Essa foi uma das mudanças de Nate quando ele foi promovido a gerente, uma regra que ninguém tocasse sua equipe ou ele iria mutilar. Ponto.

— Nathan. — Marsden, o chefe de segurança vampiro de Thirst e o segundo no comando de Nate, atravessou um bando de machos olhando três fêmeas escassamente vestidas que se inclinavam sobre os trilhos no nível superior. — Nós temos uma situação. — Os olhos avelã de Marsden deslocaram para o posto médico perto dos banheiros, e Nate suspirou.

— Lesão, overdose ou superalimentação?

— Superalimentação. Vic é humano.

— Merda. — Muito ruim quando um vampiro ficava muito

ansioso com um do submundo, mas os humanos eram muito mais difíceis de tratar, manter a vida e descartar se morressem.

— Foi o segundo ataque do meliante, — Mars disse enquanto caminhavam para o posto médico. — Ele recebeu a bota^[1].

— Espero que a bota tenha sido na bunda do nightcrawler.

Mars, a única alma do planeta que conhecia o status de daywalker de Nate, não se ofendeu na escavação de vampiros regulares. Ele simplesmente sorriu, revelando a mais recente moda vampírica. Presas banhadas a ouro cravejadas de joias. Alimentar-se deve ser uma puta para ele e para a vítima.

— A bota foi bem longe na bunda dele, tanto que ele perdeu alguns dentes.

Excelente.

Dentro dos 30x30 da sala configurada como um posto médico, John, um EMT humano que aparecia aqui nos fins de semana, estava monitorando o fluxo de sangue através de uma IV inserida no braço sardento de uma mulher ruiva.

— Ela ficará bem, — John disse; sua voz traindo suas raízes do Texas. — Este não é o primeiro rodeio dela.

É verdade. A mulher, cujo nome Nate pensava que era Allison, estava imóvel e pálida na mesa, a parte de cima de seu top prata quase não cobrindo os seios grandes demais feitos pelo bisturi de um cirurgião, e a minissaia preta não abrangia o que era necessário. Ela era regular aqui, um cisne que se entregava a vampiros por sangue, sexo ou ambos.

John aplicou cuidadosamente uma bandagem sobre as punções no pescoço... um pescoço que foi marcado por centenas de alimentação.

O cheiro de sangue provocou suas narinas, atraindo seu olhar para uma trilha vermelha no interior da coxa da menina e lembrando-lhe que ele não havia se alimentado recentemente.

— Havia dois se alimentando dela, — ele disse, apontando para as punções em sua artéria femoral. Alguns vampiros fizeram um mau trabalho de selar a ferida.

John se inclinou para examinar a segunda mordida. — Poderia ter sido apenas um tocando dois lugares.

— Presas de tamanho diferente. Esse na garganta era fêmea. — O que, maldição, significava que Marsden tinha outro vampiro para punir. — Alerta-me quando liberar o humano.

Nate não esperou por uma resposta. Ele foi direto para o bar, jogou uma dose dupla de O- e matou sua fome. Sua fome de sangue, de qualquer maneira. Enquanto observava a moagem dos corpos no piso inferior, outra necessidade se elevava nele, e não havia saciado há muito tempo.

Marsden apareceu atrás dele e bateu no ombro. — Aquele pequeno pedaço de bunda humana no final do bar olhou para você.

Sim, ele já sentira seu olhar lúgubre nele. — Não preciso de suas habilidades casamenteiras.

— Você precisa de *algo*. Você está tenso, cara. Quer que eu a mande para o seu escritório?

A mulher humana inclinou a cabeça para expor sua garganta esbelta enquanto passava as unhas pintadas em preto ao longo da cabeça em um evidente convite. Ele se perguntou se ela era uma estrela-foda que sabia quem ele era, uma lenda na arena de sangue, ou se era uma caçadora de vampiros, ansiosa para que qualquer conjunto de presas a penetrasse. De qualquer forma, Nate não era um jogo, não importava o quanto precisasse. Ele sempre preferiu tirar o sangue e o sexo das fêmeas que ele não viu se enroscando em outros machos naquela noite.

— Não. — Ele começou a se afastar, mas a mão de Marsden em seu braço o deteve.

— Confie em mim sobre isso. Você precisa trabalhar com um pouco de suco.

Um arrepio disparou contra a espinha de Nate, e sua mandíbula apertou tão forte que mal conseguiu fazer a pergunta para a qual ele já conhecia a resposta. — Por quê?

As narinas de Marsden brilharam, o botão de diamante no

nariz brilhando na luz esfumada. — Ele está vindo.

O demônio que possuía tanto Thirst como Gladius estava vindo para uma visita. Nate esperou o ódio chamá-lo de dentro, mas, em vez disso, seu peito se encheu de gelo, e todo o seu corpo ficou tão frio que ele estremeceu. Fade foi a razão pela qual Nate infiltrou na organização do clube em primeiro lugar. Ele esperou décadas para destruir o desgraçado, ganhou sua confiança ao ficar mais forte e acumulando uma fortuna às custas do demônio.

O ódio de Nate o comeu vivo há décadas, mas agora parecia que o ódio foi substituído pela apatia. Era uma vez, Fade matou o amor da vida de Nate, e agora estava se tornando óbvio que o demônio também havia matado Nate. Ele procurou profundamente dentro de si mesmo, na tentativa de encontrar um piscar de vida, mas não havia nem uma faísca.

Ele. Estava. Morto.

DOIS

As emergências recebidas aumentaram a adrenalina de Vladlena Paskelkov e a trouxeram à vida como nada mais. Como enfermeira no único hospital que atendia a vampiros, demônios e outras criaturas do submundo, ela conseguiu ver coisas que nunca encontraria em uma instalação humana e, como acontece com a maioria das pessoas médicas, quanto mais bizarra ou horrível é a lesão, mais animada ela fica.

Não era como se ela gostasse de ver alguém machucado, especialmente não jovem de qualquer espécie. Mas ela herdou o gene médico de seu pai, que foi cirurgião neste mesmo hospital.

Até que ele foi torturado e morto pelo Aegis, uma sociedade humana de assassinos de demônios que se chamavam Guardiões e tornaram a missão deles livrar o planeta do mal.

Lena foi amarga, mas não por muito tempo. Seu pai, apesar de ter sido bom com ela, andou por um caminho sinistro, e ela ficou surpresa que os matadores não o mataram mais cedo. Ela também aprendeu a gostar de alguns Guardiões, incluindo um que trabalhava no Underworld General, mas agora administrava o Aegis, e uma que era acasalada com o chefe de gabinete do hospital.

E falando do incubus, Eidolon, um demônio Seminus impossivelmente quente e de cabelos escuros, correu para o movimentado departamento de emergência e agarrou um par de luvas cirúrgicas do suporte de suprimentos.

— O que conseguimos?

Lena colocou a luva enquanto falava. — Macho shifter, raça desconhecida. Encontrado como os outros, com feridas múltiplas, sem sinais vitais quando os paramédicos o encontraram, mas Shade o puxou para começar.

Eidolon sorriu. — Quais foram as palavras exatas de Shade?

Shade, o irmão de Eidolon encarregado dos paramédicos do hospital, raramente picava palavras. Sim, ele lhe deu todo o jargão técnico, mas apenas depois de suas observações mais pessoais.

— *Anéis fodidos do inferno*, — ela disse, fazendo a melhor imitação de Shade. — *Cara, parece que ele passou por um estilhaçadora de madeira.*

Uma sobrançelha escura arqueou. — Isso é mais parecido. — A luz giratória vermelha nas portas da baía da ambulância acendeu, sinalizando a chegada da ambulância ao estacionamento subterrâneo. Antes que as portas se abrissem, Eidolon se virou para ela, baixando a voz. — O soro funcionou?

Toda a adrenalina que estava subindo por suas veias se transformou em lama e, distraidamente, esfregou o lugar no dorso da mão, onde aplicou a injeção.

— Não. — Ela limpou a voz para livrar-se da rouquidão. — Eu não mudei.

Pena embotou os olhos expressivos de Eidolon. — Desculpe, Lena. Continuarei trabalhando nisso.

Ele não disse nada mais. O que havia para dizer? *Desculpe, você é uma aberração que não pode mudar para a sua forma animal, mesmo com uma droga que funciona em todos os outros? Desculpe, você ficará louca e morrerá?*

Ao longo dos anos, ela passou por terapia e lições, desesperada para mudar para a forma peluda antes de completar vinte e quatro anos, quando a incapacidade de mudar a mataria. Ontem, no vigésimo quarto aniversário, injetou uma droga que Eidolon desenvolveu como catalisador para aqueles que não podiam mudar de outra maneira. Não funcionou. Ela era um fracasso entre as falhas, e provavelmente era bom que seu pai não estivesse vivo para ver como, em breve, ela perderia o controle da realidade e se tornaria violenta antes de morrer de agonia. Shifters com seu problema raramente sobreviveram mais de seis semanas depois de completar vinte e quatro anos, e ela já havia começado a

marcar os dias no calendário. Muito tempo desperdiçado. Muito mais que ela queria fazer.

Isso realmente irritava.

As portas da Emergência se abriram, e Shade e seu parceiro, um homem-lobo chamado Luc, empurravam um macho sangrento em uma maca. Ao levarem o paciente para uma sala, Shade balançou os sinais vitais, os números lúgubres colocando um amortecedor imediato na esperança. Lena já fora da escola de enfermagem há alguns anos, mas sabia que estava perdido quando via um.

O cheiro ávido da morte agarrava-se a este homem como uma sanguessuga horrível e... ela ofegou, parando quando Shade e Luc levaram o paciente para uma mesa.

— Vladlena? — O braço direito de Eidolon, que estava envolto por *glifos* que deslizavam da ponta dos dedos até o ombro, iluminava-se com a capacidade de cura inerente a sua espécie canalizada para o macho. — Você conhece esse paciente?

— *Vaughn*. — Ela tropeçou no lado da cama, suas pernas ameaçando falhar. — Ele é meu irmão.

Vaughn foi o único de seus três irmãos que não tentaram matá-la. Como o lixo, ela foi o alvo de seus jogos perversos, e se não fosse por seu pai, eles a teriam abatido. Agora que ele se foi, Van e Vic fizeram várias tentativas em sua vida... Que foi uma das razões pelas quais ela fez muitos turnos duplos no hospital. Aqui ela estava segura.

Eidolon fez um gesto para que outra enfermeira substituísse Lena, e ela não discutiu. Vaughn precisava de cuidados que ela não podia dar agora. Não com a forma como suas mãos tremiam e sua mente girava.

Caros deuses, ele foi destruído. Um braço pareceu ter sido praticamente mastigado. Mordidas profundas deixaram a pele e os músculos esfolados em grandes lascas que descamavam do osso exposto. A garganta foi rasgada, e sangue escorria pelas ataduras.

Um dos olhos de Vaughn estava inchado, mas o outro se abriu, e seu olhar injetado de sangue encarou o dela. O reconhecimento se acentuou nas profundezas azuis, juntamente com a dor impensável.

— Ei. — Ela pegou a mão dele, tentando não se encolher com a pele gelada e úmida. — Você está no UG. Você ficará bem. — Ela ofereceu um sorriso tremendo, o qual vacilou quando olhou para Eidolon, cuja expressão lhe fez uma mentirosa. — Vaughn, o que aconteceu? Quem fez isto com você?

— Th...irst... — sua voz era apenas um raspão, suas palavras gaguejavam através do sangue. — Clube...

Ele convulsionou, e seus colegas de trabalho entraram em ação. Shade a afastou com mãos suaves enquanto Eidolon tentava salvar seu irmão.

O tempo tornou-se fluido, elástico, esticando, sem dar a Vladlena qualquer sentido de quanto havia passado antes que Eidolon finalmente olhasse para o relógio e falasse as palavras que ninguém queria dizer ou ouvir.

— Hora da morte, 3:22. — O médico olhou para ela, seus poderosos ombros caíram em derrota. — Lena, desculpe.

Ela assentiu, com a garganta também entupida de emoção para falar. — Shade. — Eidolon levantou um lençol para cobrir o corpo de Vaughn.

— Onde você o encontrou?

— O mesmo lugar que os outros. — Shade deu um aperto nos ombros de Lena e afastou-se dela, embora ficasse perto. — Nos esgotos abaixo da Quinta Rua.

As palavras de Shade mal foram registradas. Ela se agarrava a um barulho rítmico que se elevava até o barulho do agitado departamento de emergência fora do cubículo. Demorou um momento para perceber o que era, o sangue de seu irmão, pingando no piso de obsidiana. Estranho no que o cérebro se concentrou quando não queria pensar em algo horrível bem na sua frente.

— O que está acontecendo? — Lena sussurrou.

O cabelo escuro de Shade roçou o colarinho de seu uniforme de paramédico preto enquanto sacudia a cabeça. — Eu não sei, mas seu irmão foi o único que chegou vivo nas portas do hospital.

— Esta é a terceira vítima desta semana. — Eidolon tirou as luvas. — Os reinos humano e demoníaco têm estado em tumulto ultimamente, mas isso é muito específico para se relacionar com os eventos apocalípticos.

Tumulto era uma maneira suave de colocar o que estava acontecendo, dado que os quatro cavaleiros do Apocalipse apareceram recentemente, e pelo menos um selo apocalíptico quebrou. O hospital estava lidando com as violentas consequências sem parar, e Eidolon foi forçado a contratar ajuda não escolarizada e treiná-los no trabalho apenas para acompanhar a carga de paciente.

Shade casualmente chutou uma toalha para debaixo da mesa de exame a fim de parar o gotejamento do sangue do Vaughn. Era uma coisa pequena, mas atenciosa, e Lena poderia ter beijado o demônio por isso. — Então, com o que diabos nós estamos lidando?

— Clube de luta. — Wraith, o meio vampiro loiro, irmão de Shade e Eidolon, entrou, seu casaco de couro batendo em torno de suas botas. — Você está lidando com algum tipo de luta subterrânea de gladiadores.

— E você sabe disso, como? — Shade cruzou os braços sobre o amplo peito, naquela pose que Vaughn costumava dar quando esperava uma resposta que ele sabia que não gostaria.

Wraith piscou; toda inocência simulada. — Eu nem sempre fui um cidadão modelo, sabe.

Vladlena olhou para o corpo sem vida de seu irmão antes de afastar o olhar rapidamente. — Ele não teria se envolvido com algo assim.

— Talvez não de bom grado, — disse Wraith. — Estes lugares são administrados pelo mesmo tipo de escória que

correm ringues de luta de cães e gatos.

Suas mãos formigaram, e ela percebeu que estava pendurada no estetoscópio ao redor do pescoço como se fosse uma corda de vida. — O que você está dizendo?

— Que seu irmão poderia ter sido isca. Usado para treinar lutadores. Ou poderia ter sido forçado a lutar.

O milk-shake de morango que tomou no jantar azedou em seu estômago. Picadas de dor se espalharam pelos dedos enquanto os afastava do velho estetoscópio, que costumava ser do pai dela. — Onde essas coisas operam?

Wraith enfiou as mãos nos bolsos do jeans. — Os realmente divertidos são executados em Sheoul, mas os mais rentáveis estão aqui no reino humano.

— Ei, pessoal, olhe para isso. — Shade segurou o braço de Vaughn e, sob o brilho da lâmpada ultravioleta na parede, um carimbo brilhava sob o sangue no dorso da mão. — Uma das outras vítimas tinha um carimbo semelhante.

— Thirst, — Wraith murmurou. — Lugar legal.

A voz de Vaughn tocou sua cabeça. *Th-irst*. Ela respirou fundo. — Foi o que Vaughn disse quando entrou. Achei que ele estava pedindo água. O que é Thirst?

— Clube Vampiro. — Wraith apoiou seu quadril contra o balcão e cruzou os pés nos tornozelos. — Shifters e weres vão também, e alguns humanos que sabem sobre nós.

Vaughn era ainda mais recluso do que ela. Então, por que ele iria para este clube de vampiros era um mistério. Um mistério que ela iria resolver. Se tivesse apenas algumas semanas para viver, ela aproveitaria ao máximo, e se vingaria por seu irmão.

Uma emoção proibida disparou por ela com o pensamento, e sim, o que deveria ser um sintoma da insanidade pendente, porque a ideia de violência nunca a excitou. E, de alguma forma, ela nem conseguiu se irritar com isso... o que provavelmente era outro sintoma.

Muito gentilmente, ela colocou a mão de Vaughn debaixo

do lençol. — Parece que farei uma visita a uma moradia para vampiros.

— Lena, se Thirst é um disfarce para um clube de luta, é muito perigoso para você. — O tom de Eidolon suavizou para o que ele usava com crianças. — Quando seu pai me pediu para lhe dar um emprego, ele também me pediu para cuidar de você caso alguma coisa acontecesse com ele.

Ela olhou para o médico bonito, surpreendida por sua admissão, mas não mudou nada. — Você não pode me impedir, — ela falou, e isso não foi maduro? Ela também poderia bater o pé. Respirando profundamente, encontrou sua voz de garota adulta. — Preciso fazer algo que importa no tempo que me resta.

O médico fechou os olhos por um momento, e quando os abriu, eles se entristeceram. — Me dê uma hora para fazer alguma pesquisa.

— Eu farei exploração da área, — Wraith disse; seus olhos azuis brilhantes de malícia. Nem queria saber o que ele planejava. Com Wraith, poderia ser qualquer coisa.

Shade colocou um chiclete na boca. — Preciso limpar o equipamento, mas deixe-me saber se você precisar de alguma coisa.

Os irmãos a deixaram sozinha com Vaughn, e se sentou com ele, lembrando-se de tudo o que passaram, de jogos de esconderijo quando filhotes, de lamentar a morte do pai deles. Uma hora depois, Lore, o quarto irmão Seminus, chegou para levar Vaughn ao necrotério.

— Desculpe, Lena. — Lore colocou a luva – para evitar acidentes com o poder letal que ele empunhava. — Vou tratá-lo bem.

Quando ele levou Vaughn para longe, Eidolon chegou com uma xícara de café. Ele a entregou a ela, e ela aceitou, esperando que o líquido quente aliviasse o frio que se instalara.

— Você pode acessar Thirst através de uma entrada secreta atrás de um clube Goth humano chamado Velvet Chain,

— ele disse, — Ou de uma porta escondida no esgoto abaixo dele. Uma vez que é principalmente um clube de vampiros, os não-vampiros devem doar sangue.

— Não se eles trabalham lá. — Wraith varreu o caminho que ele sempre fez como um tornado. — O clube emprega seis médicos. E estão contratando.

Eidolon franziu a testa. — Como você sabe?

— Porque agora estão sem dois médicos. Convenci um a sair.

— E o outro? — Eidolon perguntou.

— Eu o convenci a morrer. — Wraith desceu as presas. — Era aquela besta que você demitiu no ano passado por trocar os medicamentos contra dor por vitaminas.

— Excelente. — Eidolon assentiu com a aprovação. — Mas ainda não gosto da ideia de Lena entrar na cova da violência.

— Não é sua decisão, — ela disse calmamente.

— Você está certa, — E disse. — E eu gostaria de poder enviar alguém com você, mas não podemos perder mais mãos.

— Está bem. Eu preciso fazer isso.

Wraith bateu no ombro dela. — Nós checaremos você.

Antes que ela tivesse a chance de agradecê-lo, Eidolon virou para ela, o perigo que o roçava em uma onda escaldante que ela sentia em sua pele.

— Se alguma coisa acontecer com você, — ele disse com uma voz tão mortal como ela nunca ouviu, — Prometo que vamos entrar naquele clube tão fortemente que nada ficará em pé.

— Especialmente o fodido que o administra, — Wraith acrescentou; seus olhos brilhando de antecipação.

Engraçado. As pessoas falavam eloquentemente, diziam coisas assim o tempo todo, mas nunca seguiam. Sem dúvida, para esses caras, todas essas palavras eram significativas.

TRÊS

Vladlena estava nervosa quando entrou na sede pela segunda vez naquele dia. No início da tarde, ela falou com o gerente assistente sobre o cargo de médico. Ele ficou impressionado com suas credenciais, e depois da entrevista, ele a enviou no caminho com grandes esperanças de retorno de chamar. Quatro horas depois, ela recebeu a ligação.

Marsden falou com Eidolon, e agora, tudo o que precisava fazer era impressionar o grande chefe, um vampiro chamado Nathan.

Ela parou dentro da entrada principal e olhou para a multidão, que parecia intensa apenas às seis horas da noite. Mas então, os clientes que vieram aqui vivem por todo o mundo, então realmente, o tempo em um clube do submundo não tem sentido.

O aroma da luxúria, do sangue e das bebidas alcoólicas era espesso no ar, e enquanto caminhava em direção ao posto médico, ela também pegou surtos de agressão. Sem dúvida, um lugar como este via a sua quota de brigas. Mas não eram as lutas regulares do bar que ela estava interessada. Havia um esporte doentio e retorcido acontecendo aqui, e ela se certificaria de que os responsáveis pela morte de seu irmão pagassem.

Um dos guardas de segurança a apontou para o escritório de Marsden, que estava distante por um longo corredor na parte de trás do clube.

— Obrigado por vir, Vladlena. — Ele inclinou a cabeça em saudação quando ela entrou, e ela se perguntou se os grampos geleificados em seus cabelos castanhos eram tão afiados quanto pareciam. Com seus cabelos descolados, piercings, unhas pintadas de preto e presas com joias, ele era um cara estranho. — Como eu disse ao telefone, tudo parece ótimo. Obter um ok

de Nathan é principalmente uma formalidade neste momento, mas ele provavelmente terá algumas perguntas para você. — Ele apontou para uma porta do outro lado do corredor. — Boa sorte.

A *boa sorte* não parecia promissora, e ela se perguntou com o que iria lidar. Inalando profundamente o aço, ela bateu na porta. Um discurso falado, — Entre, — foi a resposta, e ela abriu a porta, uma inquietação ondulando dentro de seu peito.

Em um primeiro momento, ela não o viu. Estava muito ocupada admirando a gigante mesa de carvalho repleta com algum tipo de ingressos marcados com GLADIUS, o exótico – e um caro – tapete persa, o trabalho artístico nas paredes. Então ela entrou completamente e olhou para o bar à direita.

Ele estava de pé, com o quadril apoiado contra o bar, longos dedos acariciando um copo de líquido âmbar, seus olhos azuis cristalinos penetrando-a. Brilhantes, os cabelos preto e azul caíram em uma cortina reta abaixo de seus ombros largos, e maldição, ela odiava quando os machos tinham melhor cabelo do que ela. Ângulos afiados definiam o rosto dele, de maçãs do rosto altas até um maxilar forte, e quando um canto da boca dele ergueu um meio sorriso que revelava uma presa reluzente, seu pulso vibrou de forma excitada.

A sua colega de quarto, Blaspheme, diria que com os mocassins caros, as calças pretas bem ajustadas e a camisa de seda cinza, esse macho exsudava o sexo puro e inconstante.

Não que Lena soubesse algo sobre isso.

— Um... Oi senhor Sabine, eu sou Vladlena...

— Tire suas roupas. — Sua voz rouca, tingida de um fraco sotaque francês, era tão fascinante que suas palavras não se registraram por alguns segundos.

Finalmente, ela piscou. — Desculpe?

— Marsden enviou você, certo?

— Sim, mas...

— Então tira.

Ele se moveu em direção a ela, e a cada passo, seu coração

martelou mais rápido. Ele foi esculpido em um bloco de pedra de perigo, poder e graça, e se ele possuísse sequer um pouco de suavidade, ela comeria a pasta que estava segurando. A sala encolheu quando ele se aproximou dela, energia erótica pulsando dele e fazendo sua pele formigar. Aqueles ombros largos rolaram, lembrando-lhe de um leão à espreita, e embora com um metro e oitenta, ela não fosse baixa, ele tinha pelo menos dezoito centímetros a mais de altura. Ele poderia esmagá-la com seu dedo mindinho, e aqui estava ela, no lugar onde seu irmão havia perdido sua vida, sozinha em um escritório com o homem que poderia ser o responsável.

— Eu não sabia que ficar nua faria parte do requisito de trabalho. — Ela estava orgulhosa por como sua voz não vacilou. Muito.

Sua expressão se endureceu ainda mais, algo que ela não pensava ser possível. — Jesus. Onde Marsden a encontrou?

Isso não estava indo bem, e ela apertou a pasta em suas mãos ainda mais para evitar que tremessem. — Solicitei o emprego esta manhã.

— Ele está aceitando solicitações?

— Você prefere que seu pessoal médico saia das ruas sem treinamento?

Uma carranca profunda franziu sua testa, e então ele riu, e bons deuses, ele era impressionante quando fazia isso. — Você está aqui para um dos cargos médicos.

Então o cara era bonito, mas não muito brilhante. — Claro. — Tomando um gole de sua bebida, ele deixou cair os olhos nos pés. Lentamente, ele ergueu o olhar para seu corpo em uma avaliação descarada e sensual antes de se estabelecer na boca.

— Bem, então, — ele disse. — O quanto você quer o trabalho?

Nate esperou por uma reação da mulher – além da expressão chocada que incluía um maxilar caído, os olhos arregalados e completamente sem graça, de qualquer maneira. Ele descobriu imediatamente que não era uma foda enviada por Marsden... Bem, quase que imediatamente, embora não estivesse certo por que Mars a enviara. Nos primeiros segundos, ele ficou feliz pelo fato de o seu tenente ter enviado uma mulher atrativa, linda, mas que estava vestindo roupas, não como as foda presas do clube, que vestiam uma roupa mais apropriada para o quarto do que um bar.

Esta mulher era diferente de qualquer uma que ele já viu na Thirst, de suas sapatilhas pretas gastas e calças carvão bem ajustadas, mas conservadoras, ao seu suéter de mangas compridas. Sua maquiagem mínima enfatizava maçãs do rosto e lábios cheios, e ele tinha o mais estranho impulso de pedir que ela desfizesse os cabelos loiros da trança francesa, no comprimento até o quadril, para que pudesse ver se era tão sedoso como parecia.

Talvez o ato de bibliotecária com olhos de corça fosse seu jogo. Talvez ela atraia os machos que queriam tocar seu cabelo amarelo. Nate nunca foi esse tipo. Ele gostava de pessoas que sabiam no que estavam entrando quando iam para a cama com um vampiro, mas, quando ele avaliou Vladlena, ele começou a ver o apelo.

Mas então ele viu o nervosismo nos olhos dela, ouviu a nota de medo na voz. Uma parte profunda e escura dele despertou, e a emoção da caçada o agarrou. Era uma pequena presa, apenas uma ondulação na associação de dormência que ele estava se afogando, mas Jesus, era como se um fio de vida lhe tivesse sido jogado, e ele se apegaria a isso enquanto podia.

— Bem? — Seu corpo zumbiu enquanto a estudava, do jeito que fazia quando inadvertidamente bebia sangue de um humano drogado, mas isso era melhor. Mais puro, sem as bordas difusas. — Você apenas vai me olhar, ou você oferecerá algum incentivo para eu contratar você?

Sua garganta esbelta funcionou em algumas deglutições, e ele seguiu a lisa coluna de pele marfim mais baixa, até o decote V de sua blusa de angorá verde-floresta. Assim que ele mergulhou para o sul, para as ondas suaves de seus seios, ela empurrou a pasta para ele.

— Aqui está o seu incentivo. — Ela o estendeu até que ele pegou a pasta, e então recuou, como se quisesse fugir. Isso o fez querer espremê-la entre seu corpo e a parede, apenas para mostrar a ela que se ele não quisesse que ela escapasse, ela não faria. — Eidolon, o médico-chefe do Underworld General, preparou isso para você. Ele listou minhas realizações e habilidades especiais.

Ele quase riu de sua tentativa de desviá-lo, mas ele estava se divertindo demais enquanto a observava torcer. — Todas as suas habilidades especiais?

Mais uma vez, seus olhos castanhos e suaves brilharam. — Eidolon não conhece todas as minhas habilidades especiais, já que ele tem integridade suficiente para não exigir que seus funcionários durmam com ele.

— Assim é. — Ele colocou o copo na mesa e virou o arquivo, sem se concentrar em detalhes. — Então, me diga, por que você está saindo desse ótimo lugar onde o chefe não quer que suas enfermeiras fiquem de costas?

— Meu motivo para sair é da minha conta. Mas, como você pode ver, venho com a recomendação mais alta.

Justo. Mas algo sobre essa fêmea estava fora de lugar, e Nate aprendera há muito tempo a confiar em seus instintos. Ela também estava muito nervosa... alguma coisa.

Curvas. Curvas é algo.

Colocando a tampa em sua voz interior menos do que útil, ele passou o polegar sobre os contornos da sua escrita. — O arquivo diz que você é um shifter. Que espécie?

— Tigre.

Nem sonhando. Ele inalou profundamente, procurando seu aroma. Através do aroma tentador da baunilha havia um

som selvagem do felino... e canino. Principalmente canino, na verdade. Ele teria classificado ela a um lobo, então porque ela estava dizendo que era um tigre? Não era da sua conta, mas, novamente, algo estava errado. Ele encontrou todas as espécies de shifter vivas, e nunca encontrou uma com essa mistura particular de aromas.

Seu sexto sentido lhe dizia para mandá-la embora. O clube tinha problemas suficientes, e operava em um equilíbrio delicado. Ele não precisava que essa mulher fizesse alguma coisa ou causasse problemas. E, no entanto, ela o intrigou com as próprias qualidades que o faziam espantar.

— Ok, Senhora Tigre, por que você está se candidatando para trabalhar aqui?

— Preciso de um emprego e trabalho bem de forma independente, mas não quero trabalhar em um hospital ou clínica humana.

— Por que não? Seria muito mais seguro e você não me pareceu alguém que gosta de correr riscos.

Não havia um shifter tigre no planeta que não gostava de se aconchegar com o perigo, mas não negou sua acusação. — Os seres humanos fornecem menos desafios, medicamente falando.

Seu queixo se levantou, e embora ela fosse mais baixa do que ele, ela de alguma forma olhava para ele, com um semblante superior. Interessante. Normalmente, as fêmeas batiam seus cílios e lhe davam os olhos enfumaçados. O elemento superior enviou outra corrida por ele, despertando ainda mais seu interesse. Inferno, ele estava realmente ficando duro.

Ele pegou o copo novamente e a estudou sobre a borda. — Então, você gosta de desafios, — Ele murmurou.

— Adoro uma boa luta. — Uma estranha escuridão infundiu na voz dela, iniciando seus alarmes internos.

— O que você quer dizer com isso?

— Apenas o que eu disse. Desafios são o que torna a vida

interessante, você não acha?

Ele se perguntou o que faria se ele a *desafiasse* diretamente contra a parede. Seu celular tocou com uma mensagem de texto e sabe... a oportunidade estava batendo à porta. Zumbindo. Tanto faz.

Ele olhou para Vladlena, que estava mudando seu peso nervosamente. — Você pode começar a trabalhar agora?

— Como neste momento?

— Se eu gostar de como você trabalha, você consegue o emprego.

Ela olhou para ele por um segundo, como se tentasse decidir o que ele queria dizer com, *trabalha*, e então encolheu os ombros. — Por que não.

Ele a levou para o posto médico, onde Marsden os encontrou com um macho grande e sangrando com uma laceração aberta que abriu o braço do ombro ao cotovelo. Sangue escorria do nariz e dos lábios partidos, e um pedaço da orelha foi arrancada.

Vladlena entrou em ação, tirou luvas do dispensador na parede e depois pegou uma toalha para pressionar a laceração enquanto guiava o macho em direção à mesa de exame. Quando ele rosnou para ela, o primeiro instinto de Nate foi socar o cara, mas ela lidou com isso como um profissional experiente.

— Você não rosna para a sua enfermeira. — Havia um grunhido subjacente nas suas palavras, mas era suave, quase gentil, trazendo à mente o som de uma mãe lobo castigando seu filho. — Eu tenho que ajudá-lo, mas não preciso fazer isso confortável. Entende?

O homem relaxou, surpreendendo tremendamente a Nate. Mars acenou com a cabeça em aprovação e então empurrou o polegar para o corredor. — Vou verificar o outro participante na briga na pista de dança. — Ele decolou, e Nate voltou para Vladlena, que pegava o kit de medição ao lado da cama.

— Agora, — ela disse, — Vamos pegar alguns sinais vitais.

Qual é a sua espécie?

— Warg, — o homem grunhiu, e sim, Nate imaginou. Os lobisomens ou os wargs, como gostariam de ser chamados, cresciam naturalmente, e tendiam a serem maiores do que outros nos submundos e seres humanos de origem animal — provavelmente porque cresciam uma polegada ou duas extras depois de serem mordidos e transformados em lobisomem.

Ela inspecionou a boca e via aérea para qualquer um dos dentes que foram nocauteados. — Foi um soco ou um pé que fez isso?

Antes que o warg pudesse responder, houve um grito de fora, e um vampiro explodiu na sala. O warg saiu da mesa, e Nate saltou para interceptá-lo.

— Não no meu consultório, — Vladlena disse, e por um momento, o warg fez uma pausa.

Não afetado por seu comando, o vampiro pulou. Um animal puro em sua raiva, ele atacou Vladlena, golpeando-a nos armários.

Fúria rasgou Nate com a força de uma tempestade de verão, e então ele estava se movendo mais rápido do que seus pensamentos, empurrando o punho no nariz do macho e fazendo um toque duplo na garganta. Quando a cabeça do vampiro baixou, Nate agarrou-o pelo pescoço e bateu-o na parede. Ele sentiu a picada de uma lâmina no seu intestino, mas estava muito aceso para permitir que ele desacelerasse. Se alguma coisa, a dor alimentava sua necessidade de tirar sangue, e ele pegou o pulso do idiota, puxando-o com um rápido toque de dedos. O vampiro gritou de agonia e deixou a lâmina cair. Agora, Nate ia arrancar a cabeça do desgraçado.

Literalmente. Uma das coisas interessantes sobre ser um daywalker era que ele era mais forte e mais rápido do que vampiros *normais*, e faria uso disso agora mesmo...

As mãos de Marsden derrubaram os ombros de Nate para afastá-lo do nightcrawler quando três garotos da segurança do clube jogaram o warg e o vampiro no chão, segurando-os

grosseiramente.

— Tire-os daqui, — disse Mars. — Se querem lutar, eles farão isso lá fora. Então, dê-lhes um maldito mapa do Underworld General. Eles não pisarão aqui novamente.

Nate girou em torno de Vladlena, e quando a viu no chão, presa por uma prateleira que havia caído sobre ela, a luz que ele sentiu penetrar em seu véu de indiferença se ampliou. Filho da puta, se ela estivesse ferida...

Ele e Mars retiraram a prateleira, levantando-a dela.

— Você está bem? — Nate lhe ofereceu uma mão, e ela pegou, levantando-se, como se não estivesse sob uma estante de madeira de noventa quilos.

— Estou bem. — Ela começou a se afastar, mas quando olhou para ele, ela congelou. — Mas você não está.

Ele olhou para baixo, surpreso ao ver o corte que corria do lado direito ao quadril esquerdo. E é aí que a dor o atingiu. Curiosamente, a única coisa que ele podia pensar era que agora Vladlena tinha uma desculpa para tocá-lo.

QUATRO

Vladlena não gostou do chefe. Absolutamente. Mas era uma médica treinada, e ele estava sangrando. Seriadamente. Além disso, ele a salvou do que poderia ter sido uma batida viciosa, e enquanto ela não duvidava que sua motivação fosse mais sobre não querer perder outro médico do que sobre cavalheirismo, ela estava agradecida.

— Suba na mesa. — Ela tirou as luvas que usou no warg, lavou-se e pegou novas quando Nate fez o que ela lhe disse.

Interessante. Ele definitivamente não parecia ser o tipo de seguir instruções, mas pulou na mesa, descontraído, como se estivesse deitado para assistir TV na cama.

E havia uma imagem que ela precisava tirar da cabeça, porque de repente o viu em lençóis de seda vermelhos, os cabelos pretos sobre um travesseiro, e ela estava ali, empurrando os quadris e passando as mãos no que certamente era um peito magnífico.

Ela limpou a garganta e a cabeça. Era uma profissional, afinal. — Você terá que tirar a camisa.

Ele desfez os botões, seus dedos longos pareceram demorar um tempo desnecessariamente longo. Quando tirou a camisa, sugou ar, e agora que a ferida estava exposta, ela podia ver o motivo. A faca com que o vampiro o cortou era serrilhada, deixando bordas esfarrapadas em uma laceração já profunda. A lâmina também passou por seu cinto de couro e calças.

— Você terá que abrir suas calças também. — Ela jurou ter visto o menor brilho de diversão em sua expressão antes de se fechar.

A mão dele pairava sobre a fivela do cinto. — Feche a porta. Não preciso que meus funcionários me vejam assim.

A ideia de se fechar em uma sala com ele enviou uma agitação de trepidação e excitação através dela. A excitação era

algo que não deveria acontecer, não até que soubesse mais sobre seu envolvimento na morte de seu irmão, e se dedicou a se repreender mentalmente enquanto fechava a porta.

— Ai. — Ela se virou para ele. — Feliz?

— Fui aberto das costelas para entrepernas. Não estou pulando de alegria.

— Você já está começando a curar, — ela apontou, e então parou de falar, porque ele abriu o zíper e sua boca já não funcionava.

Ele não usava roupa íntima.

Muito por ser um profissional. Dando um grande golpe na bunda, ela pegou uma bandeja de suprimentos e voltou para ele.

— Vou limpar a área

— Com a língua?

Ela se afastou. — O que?

— Isso é o que meu médico vampiro faria.

— Eca. E não. Não sou um vampiro, e mesmo que fosse, isso não é o... protocolo.

— Seu chefe do Underworld General disse isso? Aquele que não faz você fodê-lo? — Aquele raio de diversão estava de volta.

— Sabe, eu acho que você não precisa de assistência médica. — A ferida dele estava fechando rapidamente, embora houvesse um corte de oito centímetros onde a faca entrara, que era mais profundo que o resto da laceração, e poderia definitivamente usar pontos ou cola.

— Eu acho que sim. — Sorrindo, ele levou as mãos atrás da cabeça. — Então, trate-me.

Com um golpe, ela limpou o sangue da pele com água pura. Os vampiros às vezes tinham reações alérgicas a desinfetantes. Provavelmente era inapropriado perceber quão dura era sua carne, quão profundamente os músculos estavam definidos, e o quão firme era a pele, mas então, ele estava sendo completamente inapropriado, assim achou difícil se castigar.

— Então, Vladlena, — ele disse, — Por que o seu pequeno

truque de voz não funcionou comigo?

— Me chame de Lena. E... truque de voz?

— Eu vi o jeito que você conseguiu resolver a guerra com apenas algumas palavras.

— Ah, isso. — Ela deu de ombros. — Isso só funciona em caninos.

— Parece estranho para um tigre, você não acha? — Ele olhou para ela com tanta atenção através de olhos meio fechados que ela se sentiu desnuda. Vulnerável.

Ela afastou o sussurro de pânico que dizia que ele não poderia acreditar em sua história de capa, mas não queria atrair suspeitas revelando que era uma hiena. *Uma hiena que não pode se transformar em uma hiena. Uma hiena que nunca mostrou um único traço de hiena.* Ela era o pior metamorfo de todos os tempos.

— Todos nós temos dons únicos. — Hora de mudar de assunto. Ela sondou o pior dos danos. — Você tem muita sorte que a lâmina não entrou a uma polegada mais alta, ou seu estômago teria sido perfurado.

— E isso é ruim?

Ela esfregou a profunda laceração, e embora tenha doído, Nate nem sequer se encolheu. — Para um vampiro, sim. Todos os seus outros órgãos se curam rapidamente, mas porque o estômago bombeia o sangue que ingeriu em seu corpo, pode sangrar-se.

— Não me mataria.

— Não, mas o deixaria mais fraco do que um bebê recém-nascido por vários dias.

Ele a viu terminar de limpar a pele. — Há quanto tempo você é enfermeira?

— Você saberia a resposta para isso se tivesse lido meu arquivo.

Um sorriso preguiçoso apareceu nos cantos da boca. — Talvez eu goste do som de sua voz e queira ouvir isso de você.

Vampiro insuportável. — Um pouco mais de dois anos. Fui

à faculdade e escolas de enfermagem no mundo humano, e então consegui um emprego no Underworld General.

E falar sobre um choque cultural. Medicina humana e medicina demoníaca eram dois animais completamente diferentes. Todas as espécies demoníacas eram diferentes, desde suas anatomias, seus sinais vitais até o tipo de tratamento que podiam tolerar ou não tolerar.

— O que a atraiu para o campo médico?

— Está em meus genes, — ela suspirou. — Meu pai foi um cirurgião no Underworld General. — Quando criança, ela cuidava de seus animais de pelúcia, seguindo para animais de estimação do bairro e, à medida que envelhecia, o som da sirene de uma ambulância a preenchia com entusiasmo e saudade.

— Era?

— Ele está morto. — Ela jogou os materiais ensanguentados e arrastou a bandeja de suprimentos perto de seu pé. — Morto pelo Aegis.

— Desgraçados. — Ele se moveu, o que fez o zíper abrir um pouco mais. Não, ele definitivamente não usava roupa íntima. — E o resto da sua família? Mãe? Irmãos?

— Minha mãe não esteve na minha vida desde que meus irmãos e eu fomos desmamados. — Principalmente, era porque queria matar Vaughn e Lena para livrar o mundo de dois animais muito pequenos que não prosperaram e que precisavam de cuidados extras nos primeiros meses para sobreviver. O pai de Lena havia expulsado a mãe dela e ela não a viu desde então.

— Quantos irmãos?

O primeiro impulso de Lena foi mentir, para mencionar apenas os dois vivos, mas não, ela queria que ele visse a dor que sentiu ao ver Vaughn em pedaços.

— Eu tinha três. Um foi morto recentemente.

A mão dele caiu em seu pulso, surpreendendo-a. — O Aegis? — Sua voz era surpreendentemente suave, tranquila, e

por um momento, ela estava presa. Mas então ela lembrou que este vampiro poderia muito bem ter tido algo a ver com a morte de Vaughn, e desprezou seu controle.

— Não sei quem é responsável, — ela disse. — Mas quando eu descobrir, vou fazê-los pagar pelo que foi feito a ele.

— Eu entendo isso, — ele murmurou. — Não demore muito, ou chegará ao ponto em que não se importará mais.

— Parece que você tem alguma experiência com isso? — Perguntou, enquanto alcançava o tubo de cola de pele.

Seu maxilar apertou com tanta força que ouviu o estalo do osso. — Todo mundo acha que a raiva acumulada apenas cresce mais quente até você finalmente liberá-la em alguma explosão maciça.

— Não é?

— Absolutamente. Mas se você esperar muito tempo, toda a raiva queima. Ela inflamará mais quente e mais quente, até que consome todo o combustível, e então você fica com nada. O fogo é o melhor desinfetante. — Sua voz era sombria, desprovida da paixão que ela havia visto nele até essa conversa.

Evitando seu olhar, ela aplicou o Dermabond à laceração. — Quem você perdeu?

O silêncio se esticou e, por um longo tempo, pensou que ele não fosse responder. Quando o fez, sua voz estava fria, mas a mesma. — Minha companheira. — Ele inclinou a cabeça, seu olhar avaliando-a novamente. — Você está casada?

— Eu? — Ela suprimiu uma risada. — Estou muito ocupada para uma vida social.

— Isso é o que as pessoas dizem quando não querem uma vida social.

Ela odiava que ele tivesse visto através dela. Ela sempre achou desculpas para não sair com seus amigos, mas o que aconteceu foi que ela era defeituosa. Quem quereria um shifter que não pudesse mudar e que algum dia ficaria louco e morreria?

— E você? — Ela tampou a cola e jogou-a no carrinho. —

Suponho que não esteja muito ocupado para uma vida social?

— Não estou muito ocupado. Eu admito que não quero uma. Meu trabalho é minha vida social.

Como se acontecesse, a música do clube aumentou, vibrando o próprio ar com uma batida de baixo profundo que puxou o interior de Lena. — Então, o que você faz para se divertir? — Ela perguntou casualmente, quando de repente sentiu algo além disso.

Um sorriso extremamente perverso expôs as presas, e seus sentidos inflamaram a resposta. — Tenho relações sexuais. Quer se divertir?

Cara, Nate adorou que Vladlena se contorcesse. Principalmente, ele estava sendo desagradável, mas definitivamente não seria avesso a deixá-la nua.

O que era estranho, considerando que ela não era seu tipo, e ele nunca abraçou a atitude de qualquer-coisa-serve, o qual era o estilo de vida de Marsden.

— Sabe, — Lena disse meio sem fôlego, — Em um estabelecimento humano, eu poderia processá-lo por assédio sexual.

— Só se eu estivesse te assediando.

— Você está.

Besteira. O rubor de sua pele, o calor irradiando dela, o tom de sua voz... tudo fazia dela uma mentirosa. Também envolveu o predador nele, fazia muito tempo que ele tivera que perseguir para matar.

Tempo para atacar.

— Eu posso sentir seu desejo. — Ele se apoiou nos cotovelos, forçando seu corpo a se aproximar dela. — Você me quer. Portanto, não é assédio. Isso está conduzindo a conclusão natural sobre mais cedo ou mais tarde.

Seu suspiro indignado o fez rir. — Você é tão... tão...

— Sexy?

— Arrogante.

Ele aceitaria isso. — E sexy.

Ofendida, ela empurrou a bandeja de alimentação e se afastou. — Você não tem um clube para gerenciar?

Ele fez um ruído sem cumprimentos enquanto balançava as pernas ao lado da mesa de exame. — Tecnicamente estou fora do trabalho.

— E, tecnicamente, não estou trabalhando, lembra?

Ele fez um movimento rápido, e em um instante pôs as costas dela contra a parede antes mesmo de perceber que ele se moveu. Ela olhou para ele, tão surpreendida quanto ele por seu movimento súbito, mas ele ignorou isso, totalmente eu-queria-fazer-isso, embora não tivesse certeza se seu comportamento ligeiramente impulsivo era bom ou ruim.

— Se não está trabalhando, você deveria estar se divertindo, — ele murmurou, se movendo o mais perto possível sem tocá-la. Não lhe daria uma desculpa para afastá-lo.

— Se, pela diversão, você quer dizer ter sexo...

— Eu quero. — Agora ele se inclinou um pouco, amando a respiração dela enquanto sua boca se abaixava tão perto dela que ele podia sentir o ar quente entre seus lábios separados. — Mas sabe o que é quase tão bom?

Sua frequência cardíaca saltou, a batida tão alta que bateu em seus ouvidos e lhe deu água na boca. Sua voz era apenas um murmúrio sobre o som de seu pulso. — O que?

— Isto. — Ele passou os lábios sobre os dela, lenta, timidamente, dando-lhe a chance de detê-lo.

Ela não o fez. Mas foda-se, ela estava em perigo iminente de insuficiência cardíaca se não diminuísse. Seu nervosismo era um espinho no ar, e se tivesse alguma decência, ele recuaria. Em vez disso, esse fio de vida que ele estava agarrando desde que ela atravessou a porta do escritório tornou-se uma corda, fortalecendo sua determinação.

Ele queria prová-la. Queria afundar as presas em sua

garganta e sentir seu pulso batendo contra os dentes enquanto a força da vida fluía para ele.

Ele se contentaria em provar seus lábios.

Por agora.

Seus lábios eram aveludados, quentes, e eles se separaram mais enquanto ele varria sua boca de um lado para o outro em um convite. Sua resposta foi hesitante, mas curiosa. Do delicado aroma de seu desejo que se erguia ao redor dele, à centelha nos olhos e ao rápido ritmo de sua respiração, ficou claro que ela queria isso. Mas seu corpo estava rígido como uma viga de aço, gritando com estranheza.

Talvez seja porque você é o chefe dela e ela tem medo que você vá demiti-la se ela não te beijar, seu idiota.

Amaldiçoando-se, ele sussurrou contra os lábios dela: — Seu trabalho não está em risco. Nunca esteve, e peço desculpas por brincar com você assim. Você está contratada, não importa o que. — Hã. Talvez ele ainda tivesse alguma decência.

— Tudo bem, — ela sussurrou, e aqueles olhos lindos se trancaram sobre os dele, aquecendo-o e fazendo-o sentir como se estivesse sendo acariciado por dentro.

Gemendo, ele aumentou a pressão contra a boca dela. — Abra para mim, — ele murmurou, e após a menor hesitação, seus lábios se separaram o suficiente para permitir que ele acariciasse a ponta da língua sobre a dela.

Desta vez, sua reação foi imediata, intensa e chocantemente abrupta, como se uma barragem tivesse explodido. Ela agarrou seus bíceps o suficiente para enviar um pequeno choque de dor de felicidade por ele, arqueou as costas, colocando seus quadris em contato com os dele, e o beijou com um rosnado faminto.

Isso serviu de gatilho como nada mais. O que era uma leve excitação tornou-se uma explosão de luxúria de alto nível que encobriu seus pensamentos e quase o levou a levá-la ao chão. Ele queria sua suavidade debaixo dele, seus quadris e seios cheios protegendo os planos rígidos de seu corpo enquanto

batia dentro dela. Apenas a fraca vibração em seu bolso o impediu de derrubá-la e mergulhar entre as pernas dela.

— Droga, — ele respirou enquanto enfiava a mão no bolso para pegar o celular. Ele ia quebrar a maldita coisa se continuasse interrompendo-o.

Os olhos arregalados de Lena estavam vidrados e desfocados, o rosto corado, e sim, ela era sua para tomar. Ele rosnou viciosamente enquanto se afastava dela e olhava para a mensagem de texto. GLADIUS. AGORA.

— O que... — ela engoliu em seco. — O que é Gladius?

— Nada da sua conta. — A frustração sexual e o aborrecimento de ser desleixado o suficiente para deixá-la ver a mensagem colocou uma borda em sua voz. Ele guardou o telefone no bolso e tentou ignorar a dor em sua expressão, porque se ela fosse tão sensível que algumas palavras ásperas a incomodavam, ela não duraria uma semana nesse clube.

A realidade desse pensamento não o impediu de querer trazê-la em seus braços e pedir desculpas.

E o que diabos havia com as desculpas e essa porcaria delicada? Toda a sua paixão lhe foi espancada na arena, então por que o súbito desejo de proteger essa fêmea como se ela não passasse de um filhote perdido?

— Bem, — ela disse com crisão, — Você pode ir para o inferno.

Ele piscou. — Por dizer que você está fora de algo que não é da sua conta?

— Não. Por ser um idiota sobre isso.

Bem, bem. O tigre tinha garras, mas tanto quanto ele gostaria de ver o quão longe elas se estendiam, ele precisava ir. — Vá para casa, Vladlena. Esteja aqui amanhã à noite, às sete. Um uniforme irá esperá-la.

Ela resmungou algumas obscenidades suaves, e ele escondeu um sorriso enquanto saía do consultório. Sim, ela definitivamente tinha garras, e ele não podia esperar que ela as usasse sobre ele.

CINCO

O coração de Lena ainda batia furiosamente muito depois que Nate partiu. Algo nele a aterrorizou e a emocionou, e loucamente, ela gostou. Ela passou tanto tempo protegida por seu pai e protegida por aqueles que a rodeavam, que sair sozinha era uma corrida calorosa. O fato de ter conseguido a primeira parte de seu objetivo – conseguir um emprego na sede – foi ainda mais um avanço.

Foi o primeiro trabalho que obteve sozinha. É verdade que não era um trabalho que ela iria manter, mas, pelo menos, seu pai não havia puxado cordas para trazê-la aqui.

Ela foi para casa e contatou Eidolon, informando que estava segura. Então foi para a cama, satisfeita com o que havia feito. Ela estava inquieta, atirando e virando, e sua mente continuava indo para Nate. Não conseguiu tirar seu cheiro picante e masculino do nariz. Não podia esquecer a sensação da pele dele sob seus dedos ou como os lábios foram tão suaves sobre os dela. Não conseguiu limpar o rosto e corpo de aparência fantástica de seu cérebro.

Também não conseguiu se livrar do sentimento irritante de que ele estava de alguma forma envolvido na morte de Vaughn, e algo lhe disse que aqueles bilhetes em sua mesa e a mensagem em seu telefone eram a chave.

Agora, quando ela terminou de se vestir com uniformes pretos com a palavra THIRST, o T formado para se assemelhar a uma cruz médica bordada de vermelho no bolso esquerdo da blusa, ela estava determinada a fazer uma pequena espionagem.

A sede estava saltitando, mas até agora, não houve feridos, então Lena explorou, olhos abertos... bem, ela não sabia exatamente o que estava procurando. Ela conversou com os ajudantes, a equipe de espera e os barmen, pescando

cuidadosamente informações, mas nada que eles disseram levantou bandeiras.

Um pulso quebrado de uma queda na pista de dança a tirou de sua investigação por uma hora, e então voltou a isso depois de espiar Nate entrar no clube e fazer uma lista para a seção privada, como se houvesse um incêndio. Quando ele desapareceu em seu escritório, ela seguiu, verificando atrás dela para garantir que ninguém a visse.

Tudo limpo. A porta dele estava fechada, então ela se aproximou e ouviu. Nada. Não surgiu um som lá dentro. Atraindo uma respiração profunda e tensa, ela bateu na porta e se perguntou que tipo de desculpa ela inventaria por perturbá-lo.

Felizmente, ela não precisava de uma desculpa, porque ele não atendeu. Ela tomou outro suspiro calmante, mas não fez nada para evitar o nervosismo em sua barriga enquanto tentava abrir a porta.

Destrancada.

Ela a abriu lentamente. No interior, não havia nenhum sinal de Nate, mas onde ele poderia ter ido? Ela o viu entrar.

— Sr. Sabine?

Quando ninguém respondeu, fechou a porta e entrou no escritório, começando pelos armários de arquivo que estavam trancados. O mesmo com a mesa, droga. Ela ficou atrás da mesa, pensando. Seu pai havia mantido um escritório semelhante em sua casa, e não foi até que ele estava morto que ela descobriu o segredo obscuro que ele havia guardado.

Vaughn e ela tropeçaram numa abertura em uma parede atrás de um espelho de corpo inteiro. A passagem escondida levou a uma câmara de tortura que confirmara todos os rumores que ouviu sobre ele. Foi um choque desagradável, e ela se perguntou se qualquer passagem que pudesse encontrar neste escritório levaria a uma grande surpresa.

Ela verificou os lugares mais óbvios; atrás das imagens, os espelhos, as estantes de livros. Nada. Ela conseguiu derrubar

um suporte na fileira de livros e bater seu dedo na perna da cadeira. Uma super espiã não era, e rezava para que ninguém ouvisse sua atuação de um touro em uma loja de porcelana.

Assim que estava prestes a desistir, ela se mudou para o enorme rack de vinhos atrás do bar. Ela manipulou as garrafas, tendo muito cuidado para não deixar cair nenhuma. Elas eram, sem dúvida, caras.

Quando balançou uma garrafa preta perto do topo da prateleira, ela sentiu uma pequena eletricidade. Excitada, ela empurrou, e metade do suporte abriu... Apenas uma polegada, mas não ousou abrir mais até que soubesse o que estava por trás disso. Ela ouviu, preparada para empurrar ainda mais a porta, mas o som de vozes apertou seu peito e cortou a respiração.

Merda!

Com o coração batendo, ela fechou a estante e saiu correndo do escritório. Seus músculos ficaram liquefeitos e pararam de funcionar enquanto fechava a porta, e se permitiu um momento para colapsar contra a parede e apenas respirar. Automaticamente, seus dedos encontraram seu estetoscópio. Tocá-lo em momentos de estresse era um hábito estranho, e um que precisava quebrar. Ela simplesmente não achou a força de vontade para comprar um para ela, um que não a levaria as memórias de seu pai.

Vozes atrás da porta do escritório a separaram de seus pensamentos. Ambas masculinas, uma de Nate. Infelizmente, ela não podia ouvir detalhes, mas se os tons eram alguma indicação, ele não estava feliz. O outro homem soou... Divertido. E algo sobre a voz dele enviou tremores pela coluna vertebral.

A porta se abriu, e ela pulou, girou e virou a cara... peito... com um homem – não, definitivamente demônio, que tinha pelo menos dois metros e dez de altura e era duas vezes maior do que ela. Sua boa aparência de estrela de cinema foi apagada pelo mal que ele irradiava. Ela sentiu isso sob sua pele, como um milhão de vermes se retorcendo em seus músculos. Ele

olhou para baixo, seus olhos negros visando-a como se ela fosse um bife e ele fosse um leão com fome.

— O que nós temos aqui? — Sua voz era sedutora e assustadora, e a sensação das coisas se contorcendo sob sua pele aumentava.

De repente, Nate estava lá, estendendo o braço e afastando-a. — Ela não é para seu prazer, Fade. — A mão dele apertou seu braço quase possessivamente. — Ela é uma empregada.

O demônio ergueu uma sobrancelha afiada. — Os funcionários são definitivamente para o meu prazer.

— Essa não. Estamos com poucos médicos, e não podemos perder outro.

A tensão aguda no ar entre os dois machos engrossava a cada segundo.

— Eu, um... — ela lambeu os lábios secos. — Eu devo ir.

Nate se virou para ela, mantendo a mão em seu braço. — Por que você está aqui?

— Eu queria saber quanta autoridade eu tenho para comprar suprimentos, — ela mentiu.

Ele a estudou por tanto tempo que ela começou a suar, e lamentou não colocar uma camada extra de desodorante. O estetoscópio em volta do pescoço começou a parecer um laço. Finalmente, ele assentiu.

— Compre o que precisar. Veja com Marsden sobre a criação de uma conta de pagamento pessoal.

Ela ofereceu um sorriso instável, que desapareceu ao ver Fade olhando para ela pelo canto do olho. — Obrigada. Eu vou apenas... agora.

— Eu andarei com você, — Fade ronronou, e sua medula congelou. Ela encontrou o mal em sua vida, e isso incluiu seu pai. Mas esse homem... ele era muito pior que os outros em comparação. E ao contrário do interior do Underworld General, Thirst não tinha feitoço que impedisse a violência de protegê-la.

— Caminha sozinho. — A voz de Nate era um sinal de

problemas. — Tenho negócios para discutir com ela. — Seus dedos cavaram em seu braço, um sinal silencioso para concordar com ele. Como se essa fosse até uma questão. — No meu escritório.

Nate não tinha ideia do que o atingira, exceto que sabia o que Fade planejava fazer com Lena. O demônio estava à beira do jantar e do sexo, e para ele, eles eram o mesmo. Por nada Nate perderia uma médica qualificada no primeiro dia do trabalho.

E tanto quanto isso o afligiu pensar, Nate também não queria que esse desgraçado a tocasse da maneira que Nate tocara. A maneira como Nate queria. Ainda podia lembrar-se do sabor dos lábios dela, como a pele parecia um cetim suave. Fade machucaria aquela pele gostosa e faria os lábios sangrarem.

Um grunhido baixo vibrou através de seu peito com o pensamento, e ele teve que fazer um esforço para afastá-lo enquanto acompanhava Lena em seu escritório, e então enviou uma mensagem para Marsden, alertando-o para ficar de olho em Fade. Eles não podiam impedir que seu chefe causasse problemas em seu próprio clube, mas poderiam fazer o melhor para redirecionar seu foco. E agora, o objetivo número um de Nate era redirecionar o idiota para longe de Lena.

— Sobre o que foi aquilo? — Ela perguntou quando ele terminou de enviar a mensagens para Mars.

— Nada. Apenas fique longe de Fade, entendeu?

— Você não precisa me dizer duas vezes, — ela murmurou. — Quem é ele, afinal?

Nate jogou o telefone na mesa com um pouco de força, e deslizou para o chão. Foda-se. Poderia ficar lá. — Ele é o dono do clube.

A cabeça inclinada de maneira decididamente canina,

Vladlena o estudou como se fosse uma espécie de enigma para resolver. — Claramente, você não gosta dele. Então, por que trabalha para ele?

E não era essa a questão do século. Literalmente. Ele sabia por que viria aqui para trabalhar, mas por que ainda estava aqui... não tão certo.

— Você sempre é tão intrometida?

Ela o agradou com um sorriso ensolarado que se encaixava tão bem. De sua pele brilhante, bronzeada até seu cabelo loiro brilhante, não havia uma gama de escuridão nela. Tão fantástica como ela parecia no uniforme feito sob medida, ele estava tentado a pedir os amarelos, que se adequariam melhor a ela.

— Deve ser o gato em mim, — ela disse com calma.

— Engraçado, mas não estou vendo muita gata em você.

Seu sorriso vacilou, mas ela se recuperou com um admirável desvio de sua observação. — Você responderá à pergunta?

— Não pensei que eu lhe devia quaisquer respostas.

Ela deu de ombros delicadamente. — Suponho que não deva. Mas isso seria legal.

Legal? Legal? Onde essa fêmea cresceu? Ela era a menor criatura do submundo que ele já conheceu. Ele gostou. Ela o lembrou de sua vida antes de ter sido virada de cabeça para baixo. A vida antes de se tornar um pesadelo de vigília.

— Vamos fazer um acordo, — ele disse. — Você me diz por que realmente está aqui, e eu te direi por que trabalho para Fade.

A cor escorreu de seu rosto tão rápido que ele quase saltou para pegá-la caso desmaiasse. — Não sei o que você quer dizer.

— Sua reação me diz o contrário.

Ela endureceu. — Eu deveria voltar para o posto médico.

Ele bloqueou seu caminho. — Qual é a sua pressa?

— Tenho um trabalho a fazer.

— Eu sou o chefe, e digo que seu trabalho pode esperar.

Manchas vermelhas irritadas coloriam suas bochechas. — Não é de admirar que seus outros médicos saíssem. Você os intimidou também?

— Não.

Ela cruzou os braços sobre o peito, empurrando os seios para cima e para fora. Ela deveria fazer isso mais. — Então eu sou especial. Que adorável.

— Eles não esconderam segredos de mim. — Qual a cor do sutiã que ela estava vestindo? Ela parecia ser o tipo de usar bege prático ou branco puro e sensível.

— Meus segredos são meus, e você não tem direito a eles. — Ela estalou os dedos e apontou para o rosto dele. — Meus olhos estão aqui, Sr. Sabine.

Golpeado. Forte. Ele forçou sua atenção para longe de sua libido furiosa. — Eu tenho direito a eles se eles afetarem meu negócio.

— Eles não afetam. — Ela ajustou o estetoscópio bem gasto ao redor do pescoço, mesmo que não tivesse movido uma polegada. Ela também havia feito isso no corredor.

— Porque você faz isso?

— Faço o quê? — Ela perguntou, e seus olhos se moveram para seus dedos, que pairavam ao longo do fio preto esbranquiçado pelo tempo, e empurrou as mãos para os lados. — Era do meu pai.

— Então é um conforto.

Suas bochechas coraram delicadamente, como se o pincel de um pintor tivesse varrido a mancha de rosa sobre eles. — Eu sei que é estúpido. Não tive tempo de conseguir um novo.

— Você é uma terrível mentirosa. — Ele estendeu a mão para tirar dos olhos dela uma mecha de cabelo que escapara da trança, deixando seus dedos se esticar na pele quente. Deuses, havia tanta vida nela, a vida que pulsava vibrantemente ao seu alcance e acelerava-o como uma moto a toda velocidade. — Diga-me, como você sobrevive no mundo quando é tão transparente? Quem cuidou de você todo esse tempo?

Ele não quis fazer sua pergunta suavemente falada como um insulto, mas ela se afastou dele com um silvo.

— Cale a boca, — ela retrucou. — Somente... — ela bateu a mão sobre a boca, sua expressão atingida. — Eu... oh, nossa, desculpe. — Ele deixou que ela juntasse o juízo, forçando-se a não tocá-la novamente. — Olha, sou um pouco sensível sobre isso, ok? Estou tentando fazer isso sozinha. Saí do polegar do meu pai e estou cansada de ser protegida, abrigada e tratada como se fosse feita de vidro. Posso fazer as coisas sozinha. Há coisas que eu preciso fazer antes de morrer, sabe?

Ela fez um som iminentemente moribundo. Sim, como shifter, ela tinha uma vida longa, mas não era imortal. Ainda assim, ele sentiu que ela era jovem, e provavelmente tinha alguns anos, então, por que a pressa para fazer as coisas?

— Então, esse trabalho é parte da sua tentativa de fazer isso sozinha?

Suas sobrancelhas baixaram em uma profunda carranca. — Sim, — ela disse, como se esse pensamento acabasse de ocorrer a ela, e talvez a surpreendesse um pouco. — Sua vez. Por que trabalha para um homem que você odeia? — Ela se aproximou dele, e duvidava que ela tivesse se dado conta disso. Ela estava muito ocupada com aquele olhar, você-é-um mistério-para-resolver novamente. — Isso tem algo a ver com o fogo de que você estava falando, não é? A maneira como ele pode queimar tão quente que se queima.

Claramente, ele havia dito demais para ela, e ainda mais claramente, ela era muito inteligente para seu próprio bem. Incapaz de pensar enquanto olhava para ele com aqueles olhos bem conhecidos, ele se afastou dela e apoiou as mãos no bar. Ele sentiu mais do que ouviu Lena se aproximar e, quando a mão dela pousou em seu braço, era como se ele tivesse enfiado seu dedo em uma tomada elétrica. Seu corpo empurrou, seus músculos tensos e calor intenso e abrasador derreteu a medula em seus ossos. Deuses, quando foi a última vez que ele reagiu assim a uma mulher?

A resposta para isso era algo sobre o qual não queria pensar, porque sequer tivera essa resposta com sua esposa.

O pensamento transformou-se em um grunhido que saiu de seu peito como se estivesse construindo vapor há anos. Demasiado tarde, ele percebeu que poderia ter assustado Lena, mas, estranhamente, ela não se encolheu. Na verdade, ela começou uma ação de acariciamento suave para cima e para baixo em sua espinha que tanto o acalmou como o colocou em órbita.

— Não, — ele brincou, apesar de não ter certeza de por que não queria que ela o tocasse desse jeito.

Ela o ignorou, mantendo os toques suaves. — Você esteve com alguém desde que sua companheira morreu?

Sua risada era frágil para seus próprios ouvidos. — Ela não morreu. Ela foi assassinada. E não fui celibatário, se é o que você está perguntando.

— Não, não foi o que eu perguntei.

Franzindo o cenho, ele se endireitou e virou para ela. Sua mão caiu ao seu lado. — Então, o que você perguntou?

— Se você amou alguém desde então.

Sua cabeça se revirou como se tivesse sido atingida e ele realmente se afastou para manter o equilíbrio. — Por quê?

Ela combinou seu passo, avançando, e um estranho fio de pânico o atravessou. — Em algumas espécies, companheiro é para a vida. Eu sei que os vampiros não, mas o vínculo de sangue pode ser forte. Eu os vi definhando e morrer de corações partidos.

— Não estou definhando de um coração partido, — ele disse com força. — Estou reduzido ao ódio.

— Então, você acha que não sobrou nada senão o ódio?

— Eu sei que não sobrou. — Inferno, ele mesmo duvidava que o ódio ainda estivesse lá na maioria das vezes.

— Então, por que continua trabalhando? Alimentando? Por que simplesmente não fica sob o sol e acaba com tudo?

Porque o sol não me faz fritar. Mas sim, ele entendeu o que

ela estava falando. Ele fez a mesma pergunta regularmente.

Ele esfregou a mão sobre o rosto, incapaz de acreditar que estava tendo essa conversa com alguém que estava tão viva como ele estava morto. — Terminar isso significaria que eu me importaria o suficiente para fazer isso.

— Então você não se importa com nada. — Ela olhou para ele através de longos cílios dourados, ela olhou em um desafio ousado e duro. — Nada dispara seu sangue?

Seu pau se agitou, como se isso também implicasse que ele era um mentiroso. — Oh, há uma coisa que dispara.

A expressão de Lena foi de um triunfo sutil. — E é o quê?

— Você. — Ele a encarou, seu sangue acelerando cada vez que se demorava em suas curvas femininas. — Por algum motivo, você me estimular a caçar.

— Então você me vê como presa?

— Toque-me, — ele disse em voz baixa, — E descubra.

SEIS

Lena nunca teve tanta tentação de obedecer a um comando. Como uma enfermeira com um instinto inato para nutrir e curar, ela coçou para tratar as feridas de Nate. Como uma fêmea adulta, cuja libido estava enlouquecendo, ansiava correr as mãos sobre cada centímetro de seu corpo duro.

Como um shifter com um relógio contando os dias até a morte, e que sempre foi *diferente*, ela só queria ficar normal por um momento. Queria saber o que era estar com um homem. Oh, ela não poderia ir até o final, shifters eram incapazes de fazer sexo antes de sua primeira mudança. Os machos não conseguiam ereções, e o hímen de uma mulher quebrava durante sua transformação, mas era impenetrável antes disso. Eidolon se ofereceu para tentar remover cirurgicamente o dela, mas ela o recusou, porque, seriamente... quão embaraçoso.

Agora, ela lamentava essa decisão. Não teve tempo de viver, e ia morrer virgem.

E realmente, ela poderia ser mais uma rainha do drama?

Os olhos azuis de Nate arderam-se sobre ela. — Então você não vai aceitar esse desafio, eu vejo.

Desafio? A própria palavra fez surgir algo nela... Algo além da luxúria, de qualquer forma. Era um apelo à ação, um desejo de jogá-lo no chão do jeito que um lobo perseguia um veado. Pela primeira vez em sua vida, seus instintos animais, que ela havia começado a duvidar de que possuía, ganhavam vida, e era uma grande pressa.

Então, sim, ela ia morrer virgem, mas não morreria intocada.

Corajosamente, ela se aproximou dele, curtindo a pequena onda de surpresa passando pelo rosto dele. Ele não esperava que ela agisse, esperava? O conhecimento de que ela o surpreendeu a encheu de um poder ainda maior.

Ela tocou-o no peito, sentiu a ondulação do músculo firme sob sua mão. — Desafio aceito.

Um grunhido estremeceu no peito dele, o som masculino e necessitado mostrando seu ardor. — Você sabe o que está aceitando?

Nenhuma. Pista. Bem, talvez. Ela pode ser virgem, mas não era inocente. Ela cresceu na casa de seu pai, e ele teve um... apetite... saudável. Não podia contar as noites em que ouviu os ruídos do quarto ou comentou suas façanhas. E então houve a faculdade, e sua colega de quarto... mas nada disso poderia se comparar com o que acontecia nos armários de materiais no Underworld General. Quando um hospital era administrado por demônios sexuais, havia muito... sexo.

Houve o menor tremor em sua mão ao pegar a dele e a pressionou em seu peito. — Mostre-me.

Sem hesitação. Em uma onda enorme, ele estava com ela. Capturando a boca dela, ele a empurrou contra a parede. Sua língua empurrou profundamente, emaranhando-se com a dela, penetrando e recuando em um ritmo carnal que provocou um gemido de aquiescência dela.

— Você é tão bonita, — ele murmurou contra seus lábios. — Doce. Assim... pura.

Pura. Sim, tudo bem, mas não por escolha. Ela queria isso há tanto tempo. Provavelmente deveria se sentir culpada, já que ainda não havia determinado a extensão, se houver, do envolvimento dele na morte de Vaughn, mas se ela estava errada e Nate não estava envolvido, ela não poderia deixar isso escapar. Além disso, quanto mais se aproximasse dele, mais informações ela poderia obter, certo?

A justificativa para o que ela estava fazendo era fraca, e sabia disso. Mas também sabia o que seu corpo estava sentindo. Ela foi despertada antes, foi atraída pelos machos, mas nunca gostou disso. Era como se o seu corpo fosse um vulcão adormecido, e agora estava despertando, após inúmeros anos de pequenos terremotos.

Seu sangue corria como lava em suas veias, calor líquido entrava em erupção entre suas coxas, e dentro de seu peito, um grunhido agressivo a sacudiu até seus ossos. Fechando os olhos e desligando sua mente, ela deixou seu corpo reagir. As mãos de Nate foram para o seu rosto, os dedos dele se abrindo para segurá-la pelo beijo. Os polegares acariciaram seu maxilar enquanto a língua acariciava seus lábios.

O desejo girou e se enroscou fortemente, alimentado pela energia sensual de Nate, e ela se encontrou arqueada contra ele, rolando os quadris para esfregar o duro cume de sua ereção. Ele fez um barulho erótico de aprovação e intensificou o beijo, varrendo a língua sobre os dentes, o céu da boca e beliscando os lábios.

Tremendo, apesar da construção de calor vaporosa entre eles, ela se agarrava aos bíceps, puxando-o o mais perto possível, amando a forma como o tamanho dele fazia com que se sentisse tão feminina. Ela desejava que estivessem em seu apartamento ou em um hotel... Qualquer lugar, exceto aqui. Ela desejava... o que? Não conseguia lembrar aonde seus pensamentos iam, porque as mãos de Nate deslizaram pela garganta e nos ombros, depois abaixaram. Um braço escorregou atrás de suas costas enquanto sua mão vagava pelo peito dele, e seus joelhos quase se dobraram.

Ele parecia saber, e empurrou uma coxa grossa entre as pernas para apoiá-la contra a parede. O movimento também colocou a pressão mais deliciosa contra seu núcleo, e ela ofegou com prazer.

— É isso. — Sua voz estava rouca e esfarrapada enquanto beijava um caminho chiando por seu queixo. — Deixe me ouvir você.

— Sem dúvida, — ela disse com uma voz rouca e excitada que não reconheceu como dela, — Seu ego gosta disso.

Ela o sentiu sorrir contra sua pele. — Meu ego não precisa ser impulsionado, mas sim, ele gosta. — Uma mão deslizou pela sua bunda enquanto a outra puxava os cordões na frente. Seu

pulso balbuciou ruidosamente em seus ouvidos quando ele segurou sua bunda sob sua calcinha.

Ela realmente ia fazer isso? Ele sibilou, e ela percebeu que havia levado as próprias mãos para trás e estava apertando os globos firmes através das calças dele. Ela também levantou uma perna para colocar seu monte em contato com a protuberância atrás do zíper, e sua pergunta sobre se ela realmente ia ou não fazer isso foi respondida.

Ela queria isso. Desesperadamente. Tão desesperadamente que quando ele começou a empurrar a calcinha, ela ajudou, envolvendo os polegares sob a calcinha e as calças e empurrando-as até a metade da coxa. Nate não perdeu tempo tirando-as. A mão dele escorregou entre suas pernas, e quando os dedos dele encontraram sua umidade, ambos gemeram.

Sua cabeça encostou contra a parede e, se houvesse algum nervosismo antes, ele desapareceu, sendo substituído por um desejo primitivo e insensato de colocar esse homem em cima dela, dentro dela, por toda parte. Ela quase chorou com a percepção de que ele não poderia estar dentro dela, mas, em seguida, faíscas dispararam através dela na varredura do polegar no topo da fenda, e tudo o que importava era atingir esse pico final.

Arfando, doendo, desabotoou as calças e soltou sua ereção maciça. Quando envolveu a mão em torno de seu eixo, a boca dele se abriu, e diante de seus olhos as presas se alongaram e os lábios coraram de vermelho. Oh, oh... meu. Sua cabeça involuntariamente inclinou-se para a esquerda, expondo sua garganta. O fato de se oferecer tão facilmente deveria tê-la incomodado... A incomodaria mais tarde... mas, por enquanto, tudo o que queria era sentir aqueles belos caninos enterrados profundamente em sua carne.

— Por favor, — ela sussurrou.

Instantaneamente, a cabeça dele caiu, as pontas das presas golpeando sua garganta... mas não penetraram. Durante um longo e sem fôlego momento, ele não fez nada, embora os

dedos continuassem brincando em traços persistentes e suaves, para trás e para frente, através de sua fenda. Um batimento cardíaco passou. Dois. Três. E então, com um som parecido com um ronronar, Nate fechou a boca sobre sua garganta, mas não mordeu.

— Não, — ele disse grosseiramente, dando-lhe a mais delicada pressão sobre sua jugular. — Sem marcas.

Antes que Lena pudesse protestar, porque no momento, ela tomaria a marca dele de bom grado, ele mergulhou um dedo dentro de sua entrada, usando a ponta do dedo para circundar o tecido ultrassensível. O polegar escovou levemente sobre seu clitóris minúsculo, e provocou, ficando mais firme conforme ela revirava os quadris na mão dele, desesperada para aterrar o toque dele onde precisava. Ao mesmo tempo, ela apertou o eixo dele, seus toques desajeitados e impróprios, mas, se o pequeno engate na respiração dele fosse indício, ele não parecia se importar.

Ele pegou sua boca novamente, e entre as pernas, a tensão aumentou. — Você é incrível, — ele murmurou. — Nunca conheci ninguém como você.

Suas palavras eram uma carícia de seda que fazia o mundo encolher para que só eles existissem. Ele mudou o tempo de seus movimentos, e a fricção escorregadia a fez se contorcer, ofegando, correndo até a borda e pulando.

— Sim, — ela gritou; o orgasmo a atravessando, um turbilhão de sensações que roubava todos os seus sentidos de Lena, e talvez até sua consciência por um momento. Suas pernas se tornaram gel, sua visão escureceu e, se não fosse pelo grande corpo de Nate, ela teria deslizado para o chão.

Quando retornou, ela se perguntou como diria a ele que não poderia passar disso.

Talvez não precisasse. Ela puxou o punho lentamente para cima e para baixo em seu rígido comprimento. Talvez pudesse curtir da maneira que ele a agradou.

Uma batida na porta congelou esse pensamento e trouxe

um idílico rosnado do fundo da garganta de Nate. Seus lábios roçaram seu pescoço enquanto ele dizia: — O quê?

— Nós temos negócios. — A voz de Fade era um comando gélido e nítido, que instantaneamente abaixou a temperatura no escritório.

Nate amaldiçoou em voz baixa. — Sairei em um minuto. — Ele se afastou e fechou a calça com um pequeno gemido. — Fique aqui, — ele disse a ela com uma voz baixa e silenciosa. — Me dê três minutos para tirar o demônio daqui e depois saia.

Ela puxou as calças, sentindo-se de repente exposta e gravemente envergonhada. — Por que a cautela?

— Porque ele quer você, e se souber que eu também... — ele se interrompeu com uma maldição, e arrepios tremeram sobre sua pele, mas ela não tinha certeza se eram agradáveis, resultado de ser desejada, ou de mau agouro, pelo mesmo motivo.

Com isso, ele a deixou, meio vestida, desgrenhada e seriamente em conflito.

O temperamento de Nate equilibrou-se na borda de um machado quando ele escorregou no corredor, com cuidado para garantir que a porta estava trancada atrás dele e que Fade não conseguiu um vislumbre de Lena. Homem, ele estava perto do céu lá, ainda podia provar Lena na língua, podia sentir o cheiro dela em seu corpo. Seus sons sujos de paixão ainda estavam tocando nos ouvidos.

E seu pênis e suas presas estavam latejando com fome que não seria saciada em breve. Ele era uma bomba no momento, e realmente queria descontar em Fade em uma explosão sangrenta e dolorosa.

O sorriso maligno no rosto do demônio disse que sabia exatamente o que aconteceu no escritório. — Você tem uma fêmea lá dentro.

— Sempre tenho fêmeas lá. — Nate começou a seguir pelo corredor em direção à porta protegida que levava à entrada secundária de Gladius da Thirst. — O que é tão importante?

Fade não seguiu imediatamente, mas Nate continuou andando, amaldiçoando sob a respiração e esperando que o desgraçado o seguisse, e que se distraísse o suficiente com a pergunta para se esquecer de Lena. Nate nunca se preocupou com o interesse de Fade nas suas companheiras de cama, mas então, as fêmeas nunca foram mais do que uma noite para ele. Lena capturou seu interesse mais do que qualquer outra pessoa desde que sua companheira morreu, e se Fade percebesse, Lena poderia pagar com sua vida pela falta de controle de Nate.

— Vou abrir um novo clube de luta, — Fade disse, alcançando Nate. — A turbulência do submundo está começando a afetar a população humana, e prevejo uma oportunidade de franquia.

— O que, você quer ser o McDonald da morte? Caso não tenha notado, na maioria dos países, até mesmo as lutas de animais são ilegais.

— O Apocalipse está chegando, vampiro. E depois disso, o mundo será mudado. Demônios andarão pela terra, e eles amam o esporte sangrento.

Merda. Não. — Os demônios providenciarão jogos de morte em seus próprios quintais naquele ponto. Por que alguém pagaria para vê-los?

— As pessoas também podem cozinhar hambúrgueres em seus quintais e, no entanto, cadeias de fast food estão fazendo fortuna.

Nate se perguntou se Lena gostava de hambúrgueres. Adoraria vê-la comer um. Havia apenas algo incrivelmente sensual sobre ver uma mulher comer carne... especialmente se fosse algo que ele próprio preparara.

E o que diabos? Claramente, todo o seu sangue ainda estava em seu pênis.

Ele passou a mão por seus cabelos e parou, deixando suas

fantasias correrem para rasgar a garganta do demônio em vez de assistir a Lena comendo hambúrgueres. — Então você pretende fornecer entretenimento barato sem o incômodo de procurar lutadores, criar uma arena, gerenciar a limpeza...

— Tudo, ao mesmo tempo em que proporciona conforto, comida e bebida. — Fade sorriu. — Farei alguns lutadores se tornarem lendas, estrelas com as quais todos querem estar. Por um preço, claro.

— E, sem dúvida, você se certificará de que qualquer competição seja esmagada. — O desgosto que o fez borbulhar quando Fade sorriu amplamente com isso foi surpreendente. Fazia décadas que Nate experimentou qualquer tipo de reação negativa às maquinações do demônio. — Então, por que você está me dizendo isso? Isso tem algo a ver com o *negócio* que você mencionou?

— Eu quero que você o administre.

Oh infernos não. — Estou feliz aqui.

Fade acenou com a mão em um gesto desdenhoso. — Sua felicidade não é minha principal prioridade. Você supervisionará todos os elementos do negócio, desde o pioneirismo até a construção e contratação.

Isso não ia a lugar nenhum bom, e Nate começou a andar novamente, como se pudesse superar o demônio e seus planos profanos. — Você já escolheu o local?

— Sim. — Fade caiu no passo com Nate. — Com tantas pragas cortando os seres humanos, a terra envenenada está disponível em todos os continentes. Eu abrirei clubes em todos os lugares, mas este primeiro será em uma selva sul-americana. Você irá amanhã para avaliar e reivindicar o lugar. Isso só demora alguns dias.

— Mande Marsden. Ou Budag. Tenho negócios aqui.

Fade grunhiu, e Nate resistiu ao desejo de espremer. — Isso não está em discussão. Você irá, e na próxima semana, na véspera da lua nova, você retornará ao local para realizar um sacrifício.

Instintos se contraindo, Nate parou no meio do corredor. — Algo me diz que você já escolheu a vítima.

— Escolhi. Uma virgem adorável que encontrei em seu próprio clube.

Nate soltou uma risada amarga. — Não houve uma virgem neste clube... bem, nunca.

— Oh, você está tão errado. — Fade bateu a mão no ombro de Nate, seus olhos um pouco mais do que piscinas pretas e oleosas. — Sua nova médica, Vladlena, está intocada.

Porra. Muito deliberadamente, Nate educou sua expressão em neutralidade. Se Fade tivesse a menor suspeita de que Nate se interessava por Lena, não haveria conversa com o demônio sobre isso.

— Não posso perder outro médico. Eles são muito difíceis de encontrar. Consiga outra virgem. — E, sério? Ela era virgem? Sem... Chance. Então, novamente, isso explicaria muito. Como a incansável pureza e inocência que sentia.

— Um sacrifício não significa nada se não for importante. Ela é importante para este clube e, portanto, perfeita. — Fade baixou a voz para um estrondo sombrio e perigoso. — Não haverá mais discussão sobre o assunto, mas para se certificar de que você não me foda, estou enviando Budag para manter um olho em você. Depois de proteger o local, você voltará com ela e a torturará até a morte.

Como o demônio não seria influenciado, a única escolha de Nate era jogar junto. Por agora. — Como quiser.

Se Fade conseguisse o que queria, Lena morreria na próxima semana. Mas ele não conseguiria. Assim que Nate voltasse de sua viagem, ele se certificaria de que Lena não pudesse ser sacrificada.

Porque ela não seria mais virgem.

SETE

Lena trabalhava na Thirst há quatro dias, e seu tempo aqui acabou por ser um fracasso. Nate desapareceu, a porta de seu escritório estava trancada, assim ela não poderia explorar o que estava atrás da prateleira do vinho, e além desse assustador cara, Fade, que espreitava com um interesse aparentemente apaixonado por ela, ela não havia descoberto nada, nem remotamente incomum. Nate e Marsden administravam de forma muito eficiente, e qualquer um que quebrasse as regras, de funcionários a clientes, pagavam o preço. Eles nem permitiam drogas no local, o que, de acordo com Shade e Wraith, não era normal para um lugar como este.

Outra coisa que ela não achava normal era a forma como Marsden pairava, aparecendo do nada para interferir quando Fade ficava muito perto dela. O assistente de Nate também se certificou de que ela tivesse tudo o que precisava, e uma vez, ele mesmo perguntou se gostava de hambúrgueres. Se não estivesse aqui em uma tarefa secreta, ela realmente gostaria de trabalhar no clube.

Depois, havia o pacote que Marsden entregara há alguns minutos. Ela abriu, achando que continha suprimentos médicos. Seus olhos arderam à vista do novo estetoscópio lá dentro... Um estetoscópio extremamente caro, com um auscultador e tubos auriculares banhados a ouro. Não havia nenhuma nota, mas sabia que o presente era de Nate, e seu ato de generosidade a abalava. Ele entendeu seu apego tolo ao que pertencia ao seu pai, sabia que, se comprasse um, quase sentiria como uma traição.

Nate lhe salvou dessa dor, e ela estava tendo dificuldade em acreditar que ele poderia ser o monstro que inicialmente acreditava que fosse.

— Bom colar que você tem aí. Con, um vampiro loiro

acasalado com a irmã de Eidolon, Sin, estava na entrada do consultório médico, um ombro apoiado no batente da porta. Todos os irmãos Sem, bem como Sin, vieram verificá-la, e Eidolon ligava todos os dias quando estava em casa. Hoje, Con desempenhou o dever de checar Lena.

Lena sorriu para o seu novo estetoscópio. — Edição padrão por aqui.

— Uh-huh. — Con soltou um bufo duvidoso. — Nem mesmo E tem um assim. Você vende órgãos no mercado negro ou algo assim?

— Não é tão caro. — Ela olhou para o desinfetante em cima da mesa de exame que foi ensanguentada por mais um idiota bêbado que provocou briga com caras maiores. — E não preciso de uma babá. Estou bem sozinha.

Seu pai talvez a tenha mantido completamente isolada e protegida, mas nos quase três anos desde a morte dele, ela ganhou alguma saudável independência. Ela se forçou a tentar coisas novas e ir a novos lugares, e não se arrependeu nem um minuto. As atividades que pareciam assustadoras nunca foram tão ruins como pensou, e até mesmo fez a coisa do clube humano com sua companheira de quarto uma vez. Ela ainda não tivera coragem suficiente para enfrentar um clube do submundo, mas depois de ver como Thirst era administrado, estava pronta para tentar.

— Eu não sou babá, — disse Con. — Apenas checando você. Todos nós desejávamos dedicar mais tempo a isso, mas com a forma como o submundo está agitando...

Ele não precisava dizer mais nada. O mundo estava à beira do Armagedon, e havia coisas muito mais importantes para lidar do que um clube de luta que era apenas uma das centenas, talvez milhares.

— Eu entendo, — ela disse. — Aprecio toda a sua ajuda.

— Sim, bem, podemos ter algo para você em breve. Wraith está procurando sobre o que seja Gladius. Ele enviou uma mensagem antes de chegar aqui. Disse que tem uma pista,

pediu uma hora para espremer um cara por informações, mas indicou que este é o intervalo que você precisa.

A notícia de Con deveria colocá-la na lua, mas, em vez disso, tudo o que sentia era pavor. Tanto quanto queria encontrar os responsáveis por matar seu irmão, ela queria que Nate não fosse um deles.

Ela lhe deu um sorriso. — Ótimo. Não posso esperar.

Os ouvidos afiados de Con devem ter apanhado o som dos passos, porque ele disse rapidamente: — Nós queremos você de volta à UG. Eidolon lhe dará um aumento.

— Eu vou cobrir e adicionar 20 por cento, — Nate disse por trás de Con, e seu coração deu uma pequena vibração. Coisa estúpida, parecia sentir falta dele.

— Nós a queremos de volta, — Con disse sem perder uma batida.

Nate entrou no consultório médico, seus cabelos pretos azulados brilhavam sob as luzes fortes. — Ela é minha.

Con levantou uma sobrancelha castanha. — Sua?

— De Thirst, — Nate soltou. — Na verdade, eu venho promovê-la.

— É isso mesmo? Momento conveniente.

As sobrancelhas de ébano de Nate baixaram, os olhos escureceram perigosamente. — É o meu clube. O meu calendário me convence, e somente eu. Quando eu quero algo, eu consigo. — Ele moveu seu olhar para ela, e seus olhos escureceram mais. — E eu a quero.

Não havia dúvidas sobre o calor que havia por trás desses longos cílios, e a respiração de Lena falhou. Nenhum macho jamais a olhou do jeito que Nate olhava, e ela gostou.

Con, no entanto, não. Ele ficou tenso, como se estivesse se preparando para defendê-la; seus olhos prateados brilhando como lâminas de barbear, mas rapidamente, ela se colocou entre eles com um sorriso casual e pegou o antebraço de Con.

— Eu vou te acompanhar até lá fora, ela disse alegremente. — Foi bom você vir. Diga a Eidolon que

considerarei a oferta dele.

Um estrondo quase inaudível soou atrás dela, e um formigamento de prazer saltou sobre sua pele com a qualidade possessiva do rosnado de Nate. Mesmo que ele só a quisesse para o clube, era bom ser valorizada. Oh, ela sabia que a UG a valorizava, mas aqui ela tinha menos supervisores e mais autonomia. Isso era... legal.

Lembre-se por que você está aqui, idiota. Vaughn está morto. Certo. Fale sobre um banho de água gelada.

Con parou na entrada. — Tudo bem, Lena. Posso encontrar minha própria saída. — Seu olhar moveu para Nate, e ele descobriu as presas antes de voltar para ela. — Apenas cuide-se. Se precisar de alguma coisa... — mais uma vez, ele deu a Nate mais um olhar, *você está morto se você a machucar*, — Qualquer coisa, você pode ligar.

— Eu sei. — Ela ficou na ponta dos pés para beijá-lo na bochecha. — E obrigada.

Con se afastou, e quando ela voltou para Nate, mais uma vez, sua respiração foi roubada de seus pulmões. Vestido com jeans desbotados e uma camiseta da Marinha que se agarrava a cada músculo esculpido, como se embalado à vácuo, ele estava ao lado da mesa de exames, seu cabelo preto caía em suas costas e em volta de seus ombros em uma cascata cintilante, o corpo grande vibrando com poder letal. Ele era... magnífico.

— Ele é seu amante? — A voz de Nate era profunda, rouca, e ela estremeceu com uma apreciação feminina.

— Dificilmente. Ele está acasalado com a irmã do meu chefe.

— Eu sou seu chefe.

Droga. Bem ferrada. — Claro que você é. É só que trabalhei lá por muito tempo e é difícil me acostumar com o fato de que não estou mais lá.

Ele não parecia convencido, mas não disse nada. Em vez disso, em um silêncio brutal, ele caminhou até a porta e a fechou.

O clique da tranca era o som mais alto que já ouviu, e realmente pulou como um coelho nervoso.

Fascinada pela curiosidade e pela mera visão dele, ela observou conforme caminhava e fechava a distância entre eles. Enquanto olhava para ela, sua expressão era uma curiosa mistura de fome e lamento que ela não entendeu.

— Agora, — ele disse suavemente, — Nós terminamos o que começamos no meu escritório.

Nate estava fodidamente *aceso*. O tempo que ele passara na selva no local do novo clube de luta o deixou em um nó de nervos e necessidade. Há muito tempo ele determinou que quanto mais primitivo fosse o ambiente, mais seus instintos mais básicos vinham à tona.

Nada era mais primitivo do que a floresta tropical da América do Sul.

Graças à sessão de amassos em seu escritório com Vladlena antes de partir, ele já estava saindo de sua pele, mas a viagem para a quente selva aumentou ainda mais. Debaixo de árvores antigas, em solo tocado apenas por bestas, inalando o ar limpo e não poluído que cheirava a chuva, plantas e uma onça que passara recentemente, o fez vibrar com desejo puro e animal. Ele queria caçar, alimentar, acasalar.

Ele entendeu no momento em que pôs o pé no local porque Fade o escolheu. Havia um poder elementar em jogo lá, e nenhuma criatura do submundo seria capaz de resistir a isso. Uma arena de gladiadores colocada no solo se tornaria o equivalente demoníaco do Coliseu romano, e com o sacrifício de sangue para amarrar o mal... era concebível que a terra pudesse ser reivindicada em nome de Sheoul, ou inferno, como os humanos o chamavam.

A própria ideia era horrível, mas agora Nate estava tendo problemas para se concentrar em qualquer outra coisa que não

fosse a fêmea na frente dele. Ele estava tão excitado, tão em chamas que esperava ver fumaça devido à fricção de suas roupas na pele. Encontrá-la com aquele vampiro idiota, o relacionamento deles tão familiar, não ajudou. Nate queria destruir o macho, entregar as presas do cara a Vladlena em um colar, e depois foder com ela no próprio terreno onde ele ganhou a batalha.

E não era tão sexy. Ele quase revirou os olhos. A maldita selva o transformou em um homem das cavernas.

Correndo com o homem das cavernas... Todos os níveis de testosterona foram elevados ao vê-la usando seu presente. Pode ser um mero estetoscópio, mas ela aceitou sua oferta, e por algum motivo, isso o fez querer bater no peito e arrastá-la para dentro de sua cova. Em vez disso, porque uma porção de civilidade percorreu a neblina da selva, ele agarrou os ombros dela e a empurrou contra a parede. Ela não protestou. Não que esperasse que ela protestasse, o cheiro do seu desejo encheu a sala com seu perfume especial, aumentando ainda mais a necessidade dele.

Mas, em última instância, não se tratava de seu desespero para chegar entre aquelas coxas tonificadas. Isso era sobre salvá-la de uma morte atroz em um altar, uma morte que ele era encarregado de ser responsável.

Não, ele não podia dizer que ele mesmo não queria isso, ele estava anormalmente obcecado com Lena desde que ela entrou em seu escritório. Até a virgindade dela deveria ter sido um desvio. Ele evitava virgem como se tais veias corressem água benta em vez de sangue. Mas no caso de Lena... *Droga*. Um ronronar vibrou no peito com o pensamento de ser o primeiro, de reivindicá-la da maneira que nenhum outro homem reivindicara.

De levá-la para ele e mantê-la.

Exceto, que não poderia acontecer. Esta seria uma coisa única, porque se Fade suspeitasse que Nate a queria, ela estava morta.

Ou pior, se Fade descobrisse que Nate foi aquele que tomou a virgindade dela. Nate estava bem ciente de que poderia piorar.

Afastando esses pensamentos, ele segurou a parte de trás da cabeça dela e baixou a boca na dela. Mais uma vez, ela não lutou contra ele. Na verdade, ela se abriu para ele, suas mãos caíram na bunda dele para aproximá-lo. Ele já estava duro, esteve duro por dias, e a barriga suave embalou sua ereção dolorida com apenas a pressão suficiente para ser considerada tortura.

Cara, ele desejava poder ter tempo com ela, poderia aliviá-la na sua primeira vez, mas o relógio estava correndo, e quando esse intervalo de areia acabasse, a vida também.

Inalando de forma irregular, ele segurou a bunda dela e a levantou para que suas pernas estivessem ao redor da cintura dele e seu pênis em contato com seu núcleo. Ambos gemeram com a sensação e, enquanto a deslizava para cima e para baixo conforme se aproximava dela, seu gemido se transformou em um suave brilho de prazer. Ele girou em direção à mesa de exame, porque embora não conseguisse seduzi-la adequadamente em uma cama macia, ele poderia pelo menos certificar-se de que sua primeira vez não fosse contra uma parede ou no chão.

— Preciso estar dentro de você, — ele murmurou contra os lábios dela. — Preciso fazer você gritar meu nome.

— Sim, — ela respirou. As costas arqueadas, e o centro quente o esfregaram com tanta perfeição, tão docemente, que ele quase gozou logo em seguida. — Espera... — em seus braços, ela endureceu. — Não. Não posso.

— Você não tem nenhum paciente. — Ele beliscou a mandíbula, então lambeu a pele macia lá. Ele não podia esperar para estar na garganta dela, levando-a para dentro dele enquanto se movia dentro dela.

As palmas dela se achataram contra seu peito, e antes que pudesse colocá-la sobre a mesa, ela se contorceu o suficiente

para fazê-lo perder o controle, e seus pés atingiram o chão. — Não farei sexo com você.

— Sim, — ele disse grosseiramente, — Você fará.

Ele a agarrou pela cintura e a puxou contra ele, uma mão indo para o cordão da calça do uniforme. A tempestade da luxúria que se reunia dentro dele se intensificava, uma força furiosa da natureza alimentada pelo resíduo da selva, a sede desesperada de Lena, e um instinto carnal de possuir a fêmea que estava há dias em sua mira.

Rapidamente, ela se afastou e se debateu. — Solte-me. — Ela não esperou por ele obedecer. Com uma pisada surpreendentemente perversa no pé, ela se atirou para trás, caindo na bandeja de alimentação e derrubando os instrumentos de metal em todos os lugares.

Ela não chegou longe. — Droga, mulher! — Ele a pegou pelo tronco e a colocou entre seu corpo e um armário.

Filho da puta. Isso não poderia ter piorado, mas era tarde demais para ativar o encanto e ele sabia disso. Ele nunca forçou uma mulher em sua vida, e não cruzaria essa linha agora. Mas faria o que fosse preciso para salvar a vida dela. Preparando-se para sua resposta, a qual seria a coisa mais idiota que havia dito ou feito, envolveu seus dedos em volta da garganta dela e descobriu suas presas.

— Você vai dormir comigo, ou está demitida.

Sua garganta se convulsionou sob seus dedos e seus olhos se arregalaram. — O quê?

— Você me ouviu. Foda-me ou vá embora. Você escolhe.

Ela começou a tremer, e deuses, ele se sentiu um bastardo. — Seu... idiota.

— Adivinha, essa é a sua resposta. — Ele a soltou e deu um passo atrás. — Junte sua merda, tire seu uniforme, e nunca volte a este lugar. Você me entendeu, Lena? Nunca volte. — Ele se virou e abriu a porta, parando quando uma peça de suprimentos médicos acertou suas costas.

— Vá para o inferno, Nathan. — Ela o acertou na cabeça

com seu estetoscópio, que caiu no chão ao lado de seus pés, esparramado como uma cobra morta. — Vá. Para. Inferno.

Não era um problema, pensou, quando saiu do consultório. Ele já estava lá.

OITO

Vladlena ficou no consultório médico como uma idiota, atordoada até o centro. Oscilando em seus dedos estava o conjunto de chaves que ela pegou no bolso de Nate quando percebeu o que ele queria e quão sério ele estava a respeito.

O que não caiu bem a ela era o conhecimento doentio que se pudesse fazer sexo com ele, ela teria feito. Ele nem precisaria ameaçá-la. Ela teria sido dele para ser tomada.

Deuses, ela era uma idiota.

Ela olhou em volta para os suprimentos espalhados no chão, alguns deles resultaram de sua falta de jeito, alguns de arremessá-los em Nate. Como ele poderia ter se transformado em um bastardo tão frio assim? A resposta bateu na cabeça, como uma grande, gorda, imbecil. O que mais esperava de alguém que provavelmente lutava em jogos de morte?

A realidade foi um bom soco frio no plexo solar. Raiva e dor colidiram, mas o pânico rapidamente ofuscou a mistura. Ela estava sem tempo. Se não encontrasse o clube de luta agora, ela nunca encontraria.

Evitando a discrição, ela atravessou a pista de dança, prosseguiu pelo corredor até o escritório de Nate e bateu ruidosamente. Nenhuma resposta. Ela tentou a porta. Destrancada. Então, ela não precisava das chaves, afinal.

Ela as colocou na mesa, mas antes de fazer qualquer coisa estúpida, fez uma rápida chamada ao Underworld General e deixou uma mensagem com a enfermeira da triagem. Após desligar, ela tropeçou na porta secreta. Ela se abriu sem mais som do que um sussurro de ar, revelando exatamente o que esperava e temia encontrar, uma passagem.

Respirando profundamente, ela franziu a testa e começou a descer as escadas.

Na base, ela tomou conhecimento de seus arredores, que não passavam de um túnel frio e claustrofóbico de cimento e pedra. Enquanto andava, o som de aplausos se erguia, aumentando, até que não conseguia ouvir a si mesma pensar, mas definitivamente sentia seu estômago agitando.

Era real. Era tudo real, e Nate, aquele... aquele... *idiota*... estava bem no meio de tudo.

Ao percorrer um canto, ela viu uma abertura à frente. Uma massa de corpos bloqueou sua visão de tudo o que estava além, mas se os grunhidos, os rosnados e os grotescos golpes fossem alguma indicação, ela encontrou o clube de luta. Visões indesejadas de seu irmão no meio de tudo isso assaltaram seu cérebro, e apertou os olhos, parando por um momento.

Controle-se...

Ela começou a andar novamente, empurrando os pés para frente e, tarde demais, ela notou as duas sentinelas que ficavam na entrada. Seu coração tropeçou, assim como seus pés, mas, felizmente, mesmo quando saiu do túnel, um dos grandes machos apenas a agarrou, sorriu e a soltou na multidão. Aparentemente, eles estavam lá para evitar que as pessoas entrassem no túnel, não saísse dele.

O ar estava carregado com o cheiro de sangue, luxúria e fúria. Com rapidez, mas com cuidado, ela passou pela multidão, procurando a entrada pública. Uma vez que descobrisse isso, ela poderia sair daqui e voltar ao Underworld General para denunciar a localização...

Uma mão caiu no ombro dela, e ela girou, inspirou uma respiração áspera e assustada ao ficar cara a cara com Fade, cujos olhos brilhavam de vermelho.

— Você não pertence aqui, garotinha, — ele concedeu.

Antes que ela pudesse dizer uma palavra, ele a puxou para ele, apertou seu pescoço e tudo ficou preto.

NOVE

Durante décadas, Nate estava morto, seu coração pouco mais do que um nó de músculos dessecados que se encontrava inutilmente no peito. Mas quando o gerente de Gladius, Budag, esfregou a cabeça calva e contou a Nate sobre a incursão de Vladlena no clube de luta, o coração de Nate começou a acelerar.

Não, não apenas *acelerar*. Ficou enlouquecido com medo, preocupação e temor. Aquela maldita enfermeira shifter havia realizado RCP⁽²⁾ nele, ressuscitando seu frio, morto vivo interior.

— Solte-a, — Nate esmiuçou. Ele olhou para o ombro de Budag de onde estava no limite do túnel entre Gladius e Thirst. A multidão estava envolvida em alguma coisa, e a sede de sangue estava no ar.

— Não posso, vampiro. — A voz profunda de Budag sacudiu o temperamento de Nate. — Fade já a colocou no ringue para uma partida de isca.

Nate enlouqueceu. Ele bateu o demônio na parede e ficou no rosto dele, com as presas descobertas, prontas para tirar um pedaço de carne. — Mentira! Ele não teria feito isso. Ela seria um sacrifício...

— Uma vez que ela enfiou o nariz onde não pertencia, ela não era mais desejável como um sacrifício. — Os olhos de amêndoa de Budag enrubesceram de diversão. — Pelo menos, não um sacrifício para o novo clube de luta. Os gêmeos Neethul estarão aproveitando sua abundância como um sacrifício.

Nate não desperdiçou mais um segundo. Soltando Budag, ele passou pela multidão, empurrando as pessoas enquanto levava sua bunda para o ringue. Seu coração, se batesse, teria parado ao ver Lena, seu uniforme rasgado e ensanguentado, tentando afastar os dois demônios parecidos com elfos que brincavam com ela. E não havia dúvida de que eles estavam

brincando. Ele viu os irmãos lutarem, e agora, eles eram como cães do inferno com um gato encurralado.

Nate não pensou. Ele agiu. Entrou diretamente na arena e surpreendeu os demônios. Aproveitando a confusão temporária deles, ele enfiou o punho em um dos pescoços dos machos e arrancou a garganta. Surgiram sangue e cordas em sua mão, e a plateia rugiu.

O Neethul restante apenas lançou um olhar a seu irmão morto e veio para Nate com um *defesher*, uma corrente grossa com um estribo na ponta. Usada corretamente, a arma poderia tirar uma tira de carne de quinze centímetros de largura ao longo de um braço e deixá-lo no osso.

O demônio era um especialista nisso.

Merda. Ao redor, a multidão silenciosa, deixando apenas o grito de Lena e o assobio da corrente enquanto cortava o ar. Nate mergulhou na areia ensopada de sangue e rolou, atacando com os pés. O estribo da lâmina bateu no chão ao lado da cabeça de Nate quando seu chute pegou seu oponente nos joelhos. O Neethul caiu, mas voltou a aparecer em um instante.

Nate também. Antes que o demônio pudesse fazer retroceder a corrente, Nate bateu nele, levando os dois para o muro de contenção do cimento. Dentes afiados afundaram no ombro de Nate, e filho da puta, isso doía.

Vagamente, através da névoa da dor, Nate ouviu a multidão ficar balística, seus cantos de *Mata! Mata! Mata!* zumbindo em seus ouvidos. Seu passado veio sobre ele como um sudário de memória, e assim como aconteceu há tantos anos, aconteceria novamente.

Com um grunhido, agarrou a cabeça do demônio e a torceu. O estalo da espinha foi engolido pelo barulho da plateia, que se tornou ensurdecedor quando Nate deixou o corpo cair e o soltou, torcendo, no chão.

Lena estava a poucos metros de distância, seu rosto machucado e pálido, um olho enegrecido e sangue gotejando do canto de sua boca inchada. Ela foi malditamente maltratada,

mas a rebeldia queimava em seus olhos. Ódio, e ele não a culpava.

Ainda assim, ela não resistiu quando ele pegou a mão dela e a levou para o portão usado para transportar os mortos e os vivos dentro e fora da arena. O gigante portão de ferro crepitou e ressoou conforme subia, mas Nate não teve a chance de agradecer por eles serem liberados.

Fade estava ali, ladeado por três corpulentos *rhinofiends* que trabalhavam no *zoológico*, a um nível abaixo, a área escura e úmida onde lutadores e criaturas iscas eram mantidas. Nenhum deles parecia feliz, Fade menos ainda.

— Obviamente, — Fade retumbou, — Você não aprendeu na primeira vez que você tirou uma mulher de mim.

Nate apertou seu controle sobre Lena. — Não quero perder uma boa médica, — ele disse, embora soubesse que sua desculpa era fraca e coxa. Se não funcionou antes, não funcionaria agora.

Fade sabia disso também. E não deixaria escapar o fato de que Nate havia matado dois de seus lutadores mais populares. Os gêmeos Neethul eram bastante novos na cena de luta, mas a boa aparência e propensão para brincar cruelmente com suas vítimas eram grandes atrativos para as multidões.

— Quão estúpido você acha que eu sou? — Fade sinalizou para seus capangas. — Prenda-os. — Seu sorriso em Nate era puro mal. — Parabéns, Sabine. Mais uma vez, você verá a sua mulher morrer.

Por cerca de trinta segundos após Fade fechar sua boca assustadora, Lena estava certa de que Nate explodiria em violência. Depois do que ela o viu fazer aos Neethuls, ela sabia que ele era muito capaz disso. De fato, a tensão se elevou tão fortemente que podia senti-la em um estalo tangível no ar entre eles, e vê-la em suas presas maciçamente estendidas e olhos

vermelhos. Mas mesmo quando os demônios ficaram tensos para a batalha, Nate se acalmou, quase como se o ar saísse dele.

Ele andou mansamente ao lado dos demônios, embora não tivesse soltado Lena. Não foi até que foram jogados em uma cela juntos que a profundidade da raiva dele ficou clara. À medida que o riso de Fade e os passos dos guardas silenciaram, Nate circulou sobre ela, os punhos apertados, o fogo ardendo em seus olhos novamente.

Sua voz estava entortada de raiva. — Eu disse para você ir embora.

— Você me demitiu por não dormir com você, — ela atirou; estranhamente agradecida por sua raiva, porque impediu que ela desmoronasse. — Não pensei que você realmente tivesse o direito de me dar ordem depois disso. Você nem tem o direito de ficar bravo comigo, idiota.

— Como você encontrou Gladius? — Ele falou, como se ela sequer tivesse falado. — Você me seguiu aqui?

— Não importa como eu encontrei. O que importa é que você é um desgraçado. Um desgraçado doentio, torcido e malvado que opera um negócio onde a morte é um entretenimento. — Ela poderia ter jurado ter visto um flash de dor em seus olhos antes de se transformarem em rubis novamente, mas isso não impediu seu discurso. — Por que você se preocupou em me salvar? Deveria ter apostado no resultado como todos os outros.

— Cala a boca. — A voz dele era tão fria quanto seu olhar.

— Qual é o problema? Eu acertei um nervo? Sentindo-se um pouco culpado? Ou está chateado com o seu chefe?

Ele deu um passo à frente. — Eu falei *cala a boca*.

— Ou o que? Você vai me matar? Notícia de última hora, amigo. Isso acontecerá de qualquer maneira. Mas você pode apostar que se eu desaparecer, meus colegas vão destruir esse lugar e se alimentar de você antes de abaterem sua bunda.

Na verdade, ela esperava que eles puxassem uma cavalaria

e a resgatassem. Ela só precisava rezar para que Eidolon e seus irmãos tenham recebido sua mensagem antes de ser alimento para os leões. Ou qualquer criatura que estivesse gritando nas gaiolas próximas.

Um segundo, Nate estava parado perto da porta, e no outro, ele estava cara a cara com ela, prendendo-a contra a parede. Não deixou de notar que eles passaram muito tempo nesta posição.

— Seus colegas, — ele afirmou. — No Underworld General? É hora de parar com os jogos, pequena shifter, e me diga quem é você e por que está realmente aqui.

— Morda-me.

Era tão errado dizer a um vampiro que estava no limite. Ele a atingiu como uma víbora, afundando as presas no fundo da garganta e, apesar da situação terrível, apesar da raiva, dores e confusão sobre a forma como ele a tratou e o envolvimento dele no clube de luta, ela ofegou com prazer. A picada inicial se transformou em uma queimadura encantadora que se espalhou por seu corpo na forma de calor líquido. Os vampiros poderiam fazer a alimentação horivelmente dolorosa ou orgasticamente maravilhosa, e claramente, Nate foi com o último.

Mas ela não podia permitir isso. Ela o odiava. Realmente. Fracamente, ela achatou as palmas das mãos contra o peito e empurrou, mas não precisava. A cabeça dele se ergueu e ele recuou sozinho, surpresa brilhava em seus olhos.

— Você não é um tigre, — ele grunhiu. — Maldito seja, tudo sobre você foi uma mentira?

Ela deu uma palmada na mão sobre as punções na garganta. — Eu? É você que tem uma porta escondida em seu escritório. Você que está escondendo um clube onde as pessoas lutam até a morte.

As narinas dele se acenderam, e seu olhar se concentrou no pescoço dela. Antes que pudesse protestar, ele afastou a palma da mão e lambeu as punções das presas, selando a

ferida.

— Deuses, — ele murmurou contra a pele dela. — Você tem gosto de chocolate, e mel, e... canino. Ele afastou-se dela, deixando-a balançando insegura e confiando na parede atrás dela para segurá-la. Ele se afastou dela, as mãos passando pelos cabelos repetidamente, como se isso fosse tão importante quanto a existência do sangue. — Por quê? Por que você está aqui?

— Porque você matou meu irmão.

Ele virou. — Quem era o seu irmão?

— Dado o número de pessoas que provavelmente passam pela sua arena, duvido que se lembre dele, — ela disse amargamente.

— *Quem?*

— O nome dele era Vaughn. — Ela ergueu o queixo, encontrando seu olhar para que ele pudesse ver sua dor. — Ele era um shifter hiena que morreu na semana passada.

— Hiena... — a testa de Nate franziu. — Louro. Olhos verdes e azuis irregulares.

— Então você sabe quem ele era.

A língua de Nate passou por uma das presas que ele afundou em sua carne. — Você não é uma hiena mais do que é um tigre.

— Eu sou, — ela explicou. — E você matou meu irmão.

Ele bufou. — Seu irmão se matou.

Com um grito dolorido, ela se lançou em Nate. Ele a pegou facilmente, bem antes de soltar um único golpe. — Você, filho da puta, — ela gritou. — Você é um malvado e cruel filho da puta!

Das gaiolas próximas, ela ouviu pancadas e aplausos, bem como algumas maldições. Nate a puxou contra ele, seus braços a envolveram firmemente, segurando-a para que não pudesse atacar.

— Shh. — Sua voz suave não penetrou na raiva dela. — Ei. Escute-me. Seu irmão veio até nós. Ele fez um acordo para uma

luta.

— Não. *Não!* Ele não...

— Ele disse que estava morrendo.

Morrendo? Ela se acalmou completamente, congelando contra o grande corpo de Nate. — Eu não... eu não entendo. Por que ele disse isso?

— Não sei. — Ele relaxou, mas ainda a embalou contra o peito dele. — Tudo o que sei é que ele queria lutar contra um dos nossos campeões, uma hiena chamada Vic. E Vaughn estabeleceu que se ele morresse na batalha, Vic deixaria a irmã de Vaughn em paz. Eu acho que é você.

— Oh, deuses, ela sussurrou. — Vic. Ele está aqui?

— Sim. Desgraçado desagradável. Por que Vaughn queria que Vic deixasse você em paz?

— Porque, — ela disse, em uma inalação tremenda, — Desde que meu pai morreu, Vic e meu outro irmão, Van, tentaram me matar todos os meses.

Maldições saíram da boca de Nate. — Então Vaughn estava aqui para garantir sua segurança.

A mão dele arqueou na parte de trás de sua cabeça com ternura surpreendente, e sua voz suavizou, o que era algo que ela não podia dar ao luxo de fazer. Se Nate estivesse falando a verdade, ele não havia matado Vaughn, exatamente, mas ainda era um desprezível que executou uma operação vil.

E, no entanto, ela não se afastou. Disse a si mesma que precisava do apoio porque suas pernas ficaram bambas. Disse a si mesma que estava com frio, e embora ele não estivesse muito quente, ele não estava tão gelado como o ar que cheirava a esgoto. Ela disse a si mesma todo tipo de mentiras, porque agora não podia lidar com a verdade, a percepção incompreensível de que ódio não era a única coisa que sentia por Nate Sabine.

— Pobre Vaughn, — ela murmurou. — Ele deveria ter vindo até mim. Não precisava se sacrificar por mim.

— Ele amava você. — Nate fez uma pausa. — Existe uma

razão pela qual ele não mudaria?

— O que você quer dizer?

Ele deu longos e suaves toques sobre sua trança. — Ele não mudou quando estava lutando com Vic. Isso o colocou em uma grande desvantagem. Achei que era estranho, porque mesmo que a intenção dele fosse perder, ele claramente odiava Vic e queria machucá-lo. Vaughn poderia ter causado muito mais dor em sua forma animal.

Um nó torceu o interior dela. *Ele disse que estava morrendo.* Essas foram as palavras de Nate. Seu irmão estava morrendo. Ele não mudou. Oh... oh, deuses. Ele não mudou porque não *podia*. Ele estava morrendo pela mesma razão que ela estava.

— Lena? — A mão dele parou de acariciar seus cabelos. — Lena, o que há de errado?

— Eu sei por que ele não mudou. — Ela engoliu em seco. — Ele não podia. Um shifter que nunca se transformou em seu animal morre pouco depois de completar vinte e quatro anos. É por isso que não fui embora quando você me despediu. Não havia nenhum motivo.

— O que você quer dizer com não haver nenhum motivo? — Ele a afastou para olhar em seus olhos. — Espera... Na arena, você não mudou. Você não pode, você pode?

— Não, — ela disse calmamente. — E por causa disso também estou morrendo.

DEZ

Uma tristeza doentia e amarga quebrou a raiva que Nate sentiu com a revelação do engano de Lena. Ele a resgatou dos irmãos Neethul porque não podia suportar a ideia de perdê-la. Agora, graças a uma fodida falha genética, ele a perderia de qualquer jeito.

— Alguém no Underworld General não pode fazer nada? — Sua voz estava humilhantemente rouca.

— Nós tentamos. — Lena soltou um suspiro e mergulhou no chão revestido de palha. — Não há mais nada a fazer.

— Por que você e Vaughn são incapazes de mudar quando seu outro irmão pode? — Nate se agachou na frente dela.

— Os meus dois outros irmãos podem. Eu os vi. Nunca vi Vaughn fazê-lo, mas acho que agora sei por quê. — Ela esfregou os braços como se estivesse com frio. — Eu acho que pode ser porque nascemos diferentes. Quando os shifters dão à luz em forma de animal, os bebês também nascem desse jeito. Mas Vaughn e eu não nascemos assim. Meu pai teve que nos proteger de nossos irmãos há anos. Até nossa mãe queria nos matar.

Ele tirou a camiseta que usou na selva e a envolveu em torno dos ombros dela como um xale, e ficou surpreso quando ela não discutiu. — Que maneira de vir ao mundo.

Tremendo, ela puxou firmemente as pontas da camisa. — E você? Como você veio ao mundo?

— O sobrenatural? — No aceno de cabeça, ele se sentou confortável no chão. — Foi há duzentos anos. Eu tinha vinte e sete anos, tropeçando em casa após uma noite com os meninos em Paris. Estava escuro, nevoeiro. Direto de um filme *Jack o Estripador*. Ouvi o que parecia uma briga vinda de um beco e, como um idiota, eu investiguei. — Ele se lembrou de estar horrorizado quando viu o que parecia ser um homem enorme e

blindado, em uma batalha sangrenta com uma coisa com casco, de pele vermelha e com chifres. — Agora eu sei que um dos homens que estavam lutando era um demônio. O outro... ele era um vampiro, mas não um que já conheci.

— O que aconteceu?

Nate ficou parado lá, embriagado e piscando, como se fosse uma miragem bêbada. — O vampiro matou o demônio, mas ficou ferido. Seriamente. Ele tinha uma ferida no pescoço, e quando me viu, seus olhos se iluminaram como o fogo do inferno. Tentei correr, mas ele estava em cima de mim e se alimentando antes que eu pudesse dar dois passos.

— Então ele forçou você a beber seu sangue para te transformar?

— Essa é a coisa estranha, — ele disse. — Não houve troca de sangue.

Ela franziu a testa. — Certamente, você simplesmente não se lembra? Porque se tornar um vampiro... — corando, ela se cortou. — Desculpa. Dã.

Deuses, ela era fofa. Como diabos ela poderia ser uma hiena? Ela não podia. Ele teria saboreado no sangue dela. O mesmo sangue que deixara uma trilha no canto da boca. Sem pensar, ele estendeu a mão e o limpou com o polegar. Ele queria enquadrar seu rosto nas mãos e beijar sua dor, mas a cautela nos olhos de corça lhe dizia que ela ainda não estava pronta para aceitá-lo como outra coisa, senão um filho da puta miserável que se aproveitava do sangue dos outros.

Relutantemente, ele deixou o braço cair. — Eu tenho certeza que ele não fez a troca de sangue. Ele não era normal. Não posso explicar, mas, seja lá o que for, ele me transformou... e me fez diferente.

— Diferente?

Ele baixou a voz, porque descobrira há muito tempo que não era algo para dizer em voz alta. — Posso andar na luz do sol.

Lena piscou. — Isso é... isso não é possível.

— Eu sei. E, no entanto, posso sair numa praia tropical ao meio dia.

— Ok, e depois? — Ela perguntou, soando muito como um profissional médico cavando no fundo de uma doença misteriosa.

— Fui para casa com minha esposa. Não lembro muito, mas lembro-me de acordar tão fodidamente com fome. — Ele não entendera o que estava acontecendo, só que estava morrendo de fome, e o som do coração batendo de Eleanor o deixava louco. — Eu a ataquei. Quase a drenei. — Ela gritou, batendo com seus punhos delicados, chamando-o de um monstro. O que ele era. — Depois disso, ela estava deitada na cama, pálida e mole, e um instinto estranho para alimentá-la, meu sangue veio sobre mim, e... eu fiz. Mas eu não sabia o que havia feito. Quando ela morreu algumas horas depois, fiquei louco. Essa é a única maneira de descrevê-lo. Eu decolei, e a próxima década foi um borrão. Minha mente voltou gradualmente, e decidi que precisava de respostas. Viajei por toda a Europa, tentando encontrar o idiota que me transformou, procurando por outros vampiros. Foi um choque saber que outros vampiros não podiam sair à luz do dia.

— Você é o único?

— Sempre houve rumores de outros, mas nunca encontrei nenhum. E aprendi muito rápido a não anunciar minha própria natureza amorosa ao sol. — Outros vampiros tentaram matá-lo por ciúme ou queriam experimentar com ele para encontrar uma maneira de curar seus próprios problemas com queimaduras severas. — Então, de qualquer forma, eventualmente eu percebi que era possível que Eleanor pudesse ser um vampiro, dado o que fiz com ela. — Ele fechou as pálpebras, mas isso não afastou a memória. — Eu a encontrei, em Londres. Ela me odiava pelo que eu fizera com ela, e ela seguiu em frente nos braços de Fade.

— Oh, caramba, — Lena respirou. Ela tocou seu joelho, um gesto calmante que ele achou que ela não percebeu que

havia feito. — Isso deve ter sido difícil para você.

Ele precisou limpar a garganta do nó de emoção antes de continuar, e lhe pareceu que a memória não era o que o afetava, mas sim a preocupação de Lena.

— Fiquei furioso, — ele disse, — Mas eu ainda a amava. Então a seduzi para longe dele. — Nate olhou para a mão de Lena, que parecia tão delicada em sua perna. — Isso provou ser um erro fatal. Não percebi o que era. Ele nos perseguiu por toda a Europa, e quando nos pegou... — ele engasgou, sua boca seca e o ácido esfregando suas veias. Fade os torturou, e então os arrastou para um de seus clubes de luta, onde os torturou um pouco mais.

Ela respirou profundamente e soltou-o lentamente. — O que aconteceu, Nate?

— Ele colocou Eleanor em um poço com dois demônios Cruentus. Ela fez uma boa luta, ferindo tanto um deles que foi preciso matá-lo. Mas o outro a matou. Eu tive que assistir tudo.

— Sinto muito. — Os dedos ágeis de Lena acariciaram sua perna. Ninguém desde Eleanor lhe ofereceu conforto assim. Ele perdeu tanto em sua vida, e foi preciso Lena para fazê-lo perceber. Agora era muito tarde. — Então ele deixou você ir?

— Ele me fez lutar. Ficou chateado por não ter morrido da primeira vez no ringue. Ou na segunda, ou na vigésima. Acontece que sou mais poderoso do que outros vampiros. Provavelmente conectado à coisa do sol. Eventualmente, fiquei entorpecido com a morte ao meu redor, e comecei a ansiar as lutas. Uma maneira de liberar meu ódio, sabe? — Não, ela provavelmente não sabia. — Todo o tempo, eu planejei escapar, e quando pensei que era a hora, eu fingi que eu era o que Fade queria de mim e Eleanor, e fiz um acordo com ele. Eu lutaria contra o campeão do maior rival, e se eu ganhasse, ele me liberaria.

— Então você ganhou.

Ele bufou. — Quase morri, e precisei de uma semana para me recuperar, mas ganhei. — Ele ouviu o grito de alguma

criatura, respirou profundamente e continuou. — Eu ainda estava cheio de ódio, mas sabia que não podia matar Fade, eu vi muitos tentarem. Então pensei que eu faria isso de dentro.

Lena o encarou, sem julgamento no olhar. — Você começou a trabalhar para ele.

— Sim. Eu afirmava estar desesperado por dinheiro, e uma vez que dirigi uma taberna, ele pensou que eu seria útil em seus clubes sociais. Eu havia planejado tudo. Eu ia arruiná-lo, sabotar seus negócios para que seus clientes o matassem, ou trazer os Negociantes da Justiça sobre a cabeça dele. O problema era que ele estava dois passos à frente de mim. Ele encontrou meu único parente vivo. Meu sobrinho.

Os dedos dela apertaram sua perna. — O que ele fez?

— O desgraçado cauteloso conseguiu um vampiro para transformá-lo, então ele viveria o tempo suficiente para me manter sob o polegar. Então lhe deu um emprego aqui, assim eu teria que ver todos os dias o que eu perderia se não mantivesse o clube de luta de lucrando.

Ela respirou surpreendentemente. — Marsden. Ele é seu sobrinho, não é?

— Sim. Mas ele não sabe disso. Eu já estava transformado quando ele tinha apenas dois anos, e não queria expor minha irmã e ele ao que eu me tornara, então deixei que eles pensassem que eu estava morto. — Ele revirou os olhos. — Acredito que estou. — Ok, tecnicamente, ele estava. Mas, pela primeira vez depois de ter sido transformado, ele não se sentiu assim. Lena fez com que ele se sentisse muito vivo. — Você deveria ter ido embora quando eu lhe disse, Lena. Você deveria ter ido e nunca mais olhado para trás.

— Você sabe por que eu não pude. — Ela lhe lançou um sorriso. — E você me irritou.

Certo. Que. Que diabos... ele poderia muito bem dizer a ela a verdade. Não era como se qualquer coisa fosse importante agora.

— Eu estava tentando salvar sua vida, — ele disse. — Fade

precisava de uma virgem para um sacrifício no novo clube de luta que ele está montando. Se você não ia dormir comigo, eu precisava tirá-la do clube e te manter longe.

Ela piscou. — Como você sabia que eu sou...

— Uma virgem? Eu não sabia. Ele soube.

Ela ergueu uma sobrancelha loira, claramente duvidosa sobre suas intenções. — Então você pensou que estaria salvando minha vida transando comigo?

Soou tão coxo quando ela disse assim. — Ah... sim. Mas subestimei sua vontade de manter sua virgindade.

— Acho que você superestimou seu efeito no sexo oposto, — ela disse com ironia.

— Eu? Não. — Ele piscou, curtindo o breve momento de leveza. — Você me queria.

Ela fez um som baixo e carente que o acenderia caso estivesse em outro lugar, não preso em um calabouço mofado. — Eu queria você.

— Então, por que recusou? Nós poderíamos ter evitado essa bagunça se você tivesse dormido comigo.

— Não posso fazer sexo. — Ela evitou seu olhar como se estivesse envergonhada. — Outra questão shifter. É impossível para mim.

Agora ele se sentiu como um pedaço de merda ainda maior por cair sobre ela quando ela não quis ir para cama com ele. — Desculpe, — ele disse bruscamente.

Passos soou do lado de fora da gaiola, impedindo-o de dizer qualquer outra coisa. Não que soubesse o que dizer. Quando Fade e dois de seus capangas pararam na porta, ele não ficou surpreso.

— É hora. — Fade bateu nas barras de ferro da porta em um ritmo irritantemente alegre. — Venha comigo, Sabine. Sua mulher vai para a arena.

Nate explodiu em seus pés, colocando-se entre o demônio e Lena. — Você não toca nela. — Ele não conseguiu proteger Eleanor, mas pelos deuses, ele morreria antes de deixar Lena

ser morta.

Os dois *rhinofiends* levantaram suas armas – varas de raios, invenções demoníacas que lançavam um raio de algo que era um cruzamento entre eletricidade e ácido. Ao acertar te paralisava temporariamente e comia a carne ao redor da área atingida.

— Nate, — Lena disse; a palma da mão em suas costas. — Por favor. Vá com eles.

Isso não aconteceria. Tempo para o plano B. Ele encarou Fade com um olhar duro. — Eu preciso falar com você. Sozinho.

Fade acenou para um dos demônios acinzentados com ele, e o cara abriu a porta.

Lena apertou o braço de Nate, segurando desesperadamente apertado. — Tudo o que você está planejando... não. — Ela baixou a voz quando ele se virou para encará-la. — Estou morrendo, de qualquer maneira. Por favor, não dificulte isso para você mesmo.

— Lena. — Ele segurou sua nuca e colocou os lábios na orelha dela. — Não tem valido a pena viver por muito tempo. Agora vale. Confie em mim.

Ele se sentiu culpado por mentir, porque, embora o que acabasse de dizer fosse a verdade, havia mais. Também não valeu a pena morrer por muito tempo. Agora valia.

Sem olhar para trás, ele saiu da cela e caminhou com Fade para a área de preparação, uma sala aberta contendo artefatos mágicos, símbolos pintados e um altar. Fúria construindo com cada passo, todo o ódio que queimara voltava com uma vingança, e Nate aceitou como um velho amigo. Uma vez dentro, ele circulou o demônio.

— Coloque-me no ringue, filho da puta. Coloque-me lá em vez dela.

— Isso não seria justo, — gritou Fade. — Não temos um lutador que possa vencê-lo.

— Você pode.

Fade levantou as sobrancelhas. — Você está me

desafiando?

— Desafiando? Planejo matar você. Mas se eu perder, Vladlena fica livre. — O demônio aceitaria o acordo, porque a fonte de seu poder não vinha dos combatentes que ganhavam, vinha daqueles que perdiam. Era por isso que o clube de luta era tão popular... as pessoas de todo o mundo vinham para lutar e perdiam, sabendo que poderiam conseguir o que quer que fossem desejadas em suas mortes... riqueza para seus filhos, vingança contra um inimigo, proteção para um ente querido. A pegadinha era que se você perdesse, Fade coletava sua alma, e a maioria dos desafiantes não percebia o que significava *perder a alma*.

Nesse caso, isso significava que Fade negociava as almas que ele reunia pelo melhor lance, e havia pessoas que você não queria que possuíssem sua alma.

— E se eu perder? — Fade perguntou.

— O clube é meu.

Fade hesitou.

— Vamos, — Nate disse. — Você sabe que não vai perder. E mesmo que perca, você pode ressuscitar.

Fade sibilou. — Como você sabe?

— Você acha que eu não aprendi tudo o que havia para saber sobre a sua bunda gorda? — Nate acabara de assinar seu próprio mandado de morte. Fade não poderia arriscar alguém sabendo a verdade sobre ele. Um inimigo sabia como matá-lo permanentemente... sim, não é bom para alguém que tem tantos inimigos.

— O que mais você sabe?

— Você quer saber se eu sei que Budag é seu vivacant? — Nate sorriu. — Que ele, e só ele, pode trazê-lo de volta à vida? Sim, eu sei disso. A única razão pela qual eu não o matei é que não poderia arriscar você descobrir que eu fiz isso e ir atrás de Marsden.

A pele de Fade ondulou, a textura alternando entre enrugadas e suaves, a cor o tornando um camaleão, entre o

bronzeado, o vermelho e as paredes cinza circundantes. O cara estava excitado e irritado, algo que Nate viu apenas algumas vezes. Em sua pesquisa, ele descobriu que a pele era uma reação ao estresse, um processo natural que aumentava a força e resistência do demônio. Não é bom.

Fade arrancou um pergaminho da pilha no altar e bateu com força sobre a pedra. — Vamos escrever isso, vampiro. E então eu estou moendo você para alimentar os cães do inferno.

ONZE

Levou tudo o que Lena não tinha para não se quebrar quando Nate se afastou. Talvez não conhecesse seu mundo como ele, mas tinha sentimentos afiados e ela cheirava problemas.

O que veio sob a forma de três demônios feios e com chifres com essas varas estranhas. Ela começou a lutar com eles, mas após explicarem o que as varas faziam, ela decidiu guardar sua força para quando tivesse alguma vantagem. Agora, com os olhos vendados e algemada, Lena tropeçou e atravessou o caminho, os dois demônios de cada lado dela arrastando-a e empurrando-a abrandaram.

O som de uma multidão ansiosa e cheiro de sangue, intestino e excremento ficaram mais fortes, e ela sabia que estava novamente entrando na vil arena. Um dos demônios removeu seus grilhões enquanto o outro tirava a venda, e então ela foi empurrada pelo portão para a luz cega do poço.

A primeira coisa que viu foi Nate, com os pés descalços, os cabelos curtos, vestindo apenas jeans. Suas mãos estavam apertadas em torno de uma alça de machado enquanto enfrentava Fade, que segurava uma lâmina curvada e uma estaca de madeira. Toda gota de cor escorreu do rosto de Nate quando a viu.

— Oi Mana.

Ela se virou. — Vic, — ela ofegou. — O que... O que você está fazendo?

Vic a atou com essas bolinhas negras que ele chamava de olhos. — Finalmente vou livrar o mundo da sua fraqueza.

— Mas Vaughn...

— Eu disse a Vaughn que eu deixaria você em paz em seu território. Esse é meu. — Seu corpo começou a se transformar, o som dos ossos quebrando e remodelando tão incrivelmente

alto no barulhento clube.

Lena recuou, sabendo muito bem que quando o processo de dez segundos terminasse, ela enfrentaria uma hiena de 114 quilos, que era muito mais poderosa do que sua contraparte de animal.

— Isso não fazia parte do acordo! — Nate rosnou.

A risada de Fade tocou, ecoando infinitamente. — Você morre, ela vive. Esse foi o acordo, — disse Fade. — Mas se ela morrer antes de você... — ele encolheu os ombros. — Bem, isso não pode ser julgado, pode?

Um grunhido agudo e irregular voltou sua atenção para Vic, que agora era todo animal. Todo o monstro. Baba gotejava de sua boca aberta, que expôs dentes afiados destinados a rasgar a carne das vítimas enquanto as comia vivas. Terror explodiu quando ela se afastou, examinando a área por uma arma. Infelizmente, não havia nada, e embora tanto seu pai quanto Wraith tivessem passado algum tempo com ela na academia do Underworld General, ensinando autodefesa, ela sabia malditamente bem que suas habilidades ruins no corpo-a-corpo não iriam ajudá-la contra a besta na sua frente.

Nate se moveu tão rápido que ela não o viu até que ele estivesse ao seu lado, balançando o machado. Vic gritou quando a lâmina roçou seu ombro, mas então Fade estava lá, sua arma caindo em um arco vicioso.

Nate girou, evitando ser decapitado, mas seu próprio balanço no demônio ficou selvagem, deixando uma abertura para Vic. Seu irmão pulou, pegando o antebraço entre as mandíbulas. Uma tempestade de agonia acompanhou a crosta do osso. Gritando, ela deu um soco na cabeça dele, mas ela não era rival para o irmão que a espancara em todas as batalhas desde que eram filhotes. Ele a sacudiu como uma boneca de pano, e seu mundo tornou-se um borrão.

Um spray quente explodiu seu rosto, seu próprio sangue, ela percebeu, quando Vic a enviou voando na parede. A dor quebrou suas costelas, espinha e braço quando caiu no chão.

Embora pudesse ouvir a batalha entre Nate e Fade com clareza, ela mal conseguia ver o véu vermelho escorrendo nos olhos. Em uma fração de segundo, porém, sua visão se encheu de pelos e dentes. Ela torceu, apenas evitando que ele rasgasse seu rosto e, ao mesmo tempo, ela estendeu seu braço bom, pregando a hiena na garganta.

Vic fez vômito e caiu para trás, mas o assassinato queimava como carvão em seus olhos. Quando voltou para ela, ela sabia que estava morta. A respiração quente e fétida limpou o rosto e as garras rasgaram seus ombros. Em um frenesi alimentado por medo e adrenalina, ela chutou, levantou o joelho para acertar a besta no intestino.

Mais uma vez, o sangue a pulverizou. Sangue arterial e muito disso. Vic a matou. Ele finalmente... Caiu no chão? Ela piscou, retrocedendo na areia como um caranguejo. O corpo de Vic, dividido em seu peito, estava esparramado contra a parede, torcendo-se enquanto voltava a se transformar em forma humana.

Nate matou seu irmão. Talvez fosse errado que Lena não se sentisse mal por isso, mas agora não importava. A lâmina de machado pingava com raias de carmesim brilhante, Nate tentou voltar a Fade, mas salvar sua vida já o custou. A lâmina de Fade brilhou, e Nate caiu, paralisado até o osso da coxa.

— Nate! — Levando-se, ela cambaleou em direção a ele.

A multidão gritou, seus cânticos sanguinários tocando em seus ouvidos. Fade saltou para o ar, chutou forte o maxilar de Nate. Antes que Nate pudesse se recuperar, o demônio agarrou o pulso de Nate e lançou-o como um Frisbee em toda a arena. O corpo de Nate atingiu a parede mais distante com um golpe.

Ele não se moveu.

— Não! — O horror e a dor apertaram o coração de Lena, e enquanto Fade se dirigia para Nate, à estaca presa para o golpe mortal, suas pernas cederam. Confusão e impotência colidiram, girando suas emoções descontroladas. Ela queria gritar, mas nada saiu. Ela queria ajudar Nate, mas não conseguiu fazer

seus membros trabalhem.

Seu corpo inteiro picado, esticado, era como se estivesse se afastando nas costuras. Ela estava?... Sim. Ela estava se transformando. As patas maciças cinzentas atingiram o chão, a cor errada para uma hiena, mas mudou, ela não se importava. A força a atravessou... poder, força e clareza. Sem hesitação, ela atravessou a arena, uma sensação de exaltação, de liberdade, cantando através de suas veias com cada salto e ressalto.

Ela atingiu Fade nas costas e fechou os maxilares em torno da cabeça dele. Mesmo quando atingiu o crânio, ela ouviu uma comoção, uma onda na multidão.

Ela os cheirou antes de vê-los, Eidolon e seus irmãos. A irmã dele. Con. E vários outros do hospital e a extensa família de Eidolon. Até mesmo alguns membros do Aegis.

Ela não pensou, apenas... Mudou, antes que qualquer uma de suas armas a destruísse como o machado de Nate havia feito com Vic. Seus salvadores eram como gafanhotos, varrendo o lugar e lutando contra os guardas. Eidolon e Shade correram para ela, mas ela sacudiu a cabeça.

— Estou bem. Mas Nate precisa de ajuda.

A ajuda foi lenta. Ele estava inconsciente, uma estaca em um centro morto no peito, múltiplas e profundas feridas em todo o corpo, algumas tão largamente abertas que o músculo desfiado estava exposto como carne crua. Uma perna estava quase cortada, e seu rosto bonito estava irreconhecível.

— Precisamos levá-lo ao UG. — O tom de E era sombrio quando se ajoelhou ao lado de Nate. — A estaca no peito dele é um *frag spike*.

O medo era uma lança fria no intestino de Lena. Os *frag spikes* foram projetados para matar os vampiros do mesmo modo que uma estaca regular, mas se fragmentaram como uma bala quando entram na carne, permitindo mais chances de causar um golpe letal. Mesmo que eles não matassem de imediato, as lascas assumiam vida própria, viajando pelo corpo até encontrar o coração.

— Lena, — Shade disse enquanto sinalizava para um dos médicos para uma maca portátil, — Você quer esse?

Sabia o que ele estava perguntando. Dentro do hospital, os irmãos desempenhavam seus deveres sobre até mesmo as mais vis criaturas. Fora, era outra história. Se ela tivesse dito a palavra, Shade e Eidolon acabariam com o sofrimento de Nate naquele momento. Mas Nate não era o monstro que pensava que ele fosse, e ela assentiu.

— Eu quero mais do que qualquer coisa, — ela disse suavemente. — Salve-o.

DOZE

Nate não se sentia tão mal desde... bem, ele não conseguia lembrar quando. A consciência era evasiva, e quando conseguiu agarrá-la e segurar por mais de alguns momentos, a dor o invadiu e o fez desejar o sono novamente.

Exceto que ele precisava acordar, porque continuava ouvindo a voz de Vladlena, e estava desesperado para saber que não estava sonhando com suas palavras sutilmente faladas.

Lentamente, abriu os olhos. Uma névoa acinzentada o rodeou, mas através dela conseguiu distinguir equipamentos hospitalares e paredes rabiscadas com símbolos vermelhos. No teto, correntes grossas pendiam em laços arrumados, e quando virou a cabeça para olhar pela porta aberta, viu pessoas em uniformes passando. Além deles...

Ele piscou. Piscou de novo. O nevoeiro não limpou, mas uma pessoa entrou em foco, uma pessoa que ele não via desde o dia em que se tornou um vampiro.

Era o homem que o transformara.

O grande homem não mudou, ele ainda usava algum tipo de armadura óssea, e seus cabelos claros ainda pendiam em seus ombros, com duas tranças finas em cada têmpora. Tatuagens em sua garganta se contorceram enquanto falava com um demônio Seminus com um uniforme preto de paramédico.

Nate esperou pelo odor quente e abrasador que o lavou como sempre acontecia quando pensava no homem que tirara sua vida mortal. Mas nada aconteceu. Nate havia fantasiado sobre encontrar o desgraçado e desmembrá-lo lentamente, fazendo-o pagar o que fizera.

Agora... Nate estava estranhamente calmo ao ver o cara. A pessoa que Nate realmente queria ver era Lena, e até agora, ela não estava à vista.

Nate.

Ela poderia não estar à vista, mas sua voz doce era um sussurro suave em sua cabeça. Ao fechar os olhos, ele deixou o homem que o fizera desaparecer, e se concentrou em Lena, desejando ter tido a chance de fazer amor com ela.

Nate.

Ele inalou, se surpreendendo com o cheiro fresco exclusivo da pele sedosa de Lena. Balançando a cabeça para o lado, ele abriu os olhos novamente. Ela estava de pé ao lado dele, vestida com uniforme roxo, mexendo em um saco IV de sangue. E estava usando o estetoscópio.

— Ei. — Seu sorriso enrolou em seu coração, e ele sorriu como um idiota. — Já é hora de você acordar. Assim que esta bolsa esvaziar, você deve voltar quase a 100%.

— Você está... — ele teve que limpar a garganta do que parecia ser um ano de desuso. — Você está bem?

— Eidolon me curou quando chegamos aqui. Dois dias atrás, caso esteja se perguntando. — Ela pegou a mão dele, sua palma quente o aquecendo. — Por um tempo, pensei que iria te perder.

Ele também pensou isso. Mas então ela saiu do nada, toda pele e as presas, e... Você mudou, — ele sussurrou. — Eu vi você. — Em que ela mudou era outra questão. Ele nunca viu nada como o enorme e lindo canino.

— Estou livre, Nate. — Sua voz estava cheia de emoção encantadora e infantil. — Eu vou viver.

Nate se firmou em cima de um cotovelo. — Como isso aconteceu?

O som de uma garganta limpando elevou a cabeça de Nate. Um macho de cabelos escuros em um uniforme e um bata de laboratório branco estava na entrada.

— Parece que a nossa Vladlena é um raro híbrido. Estou chateado por não ter pensado nisso antes.

— Por que você teria? — Ela perguntou. — Meu pai disse que eu era dele.

— Ele também disse que você nasceu de forma humana. Não coloquei isso junto com sua incapacidade de mudar.

— Híbrido? — Nate perguntou.

Ela assentiu. — Aparentemente, minha mãe acasalou com um lobo no mesmo dia em que se acasalou com a hiena que eu achava que era meu pai. Que é o meu pai. — Houve um segundo de silêncio antes de acrescentar: — Ele poderia ter sido um filho da puta maligno, mas era bom para mim.

— Você terá que me contar sobre ele algum dia, — Nate disse, e ela lhe deu aquele sorriso que o derrubou novamente. — Então, como duas espécies diferentes poderiam produzir descendentes? E por que seus outros irmãos são hienas?

Eidolon falou. — Ninhadas podem ter vários pais. No que diz respeito à reprodução interespecies shifter... na maioria dos casos, não pode acontecer. Mas as hienas são as únicas espécies que podem, às vezes, reproduzir com felinos e caninos, embora geralmente os filhotes morrem. Aqueles que sobrevivem ao nascimento raramente vivem além da infância. Nunca ouvi falar de qualquer um na idade adulta. Ele esfregou a mão sobre o rosto. — Aposto que o fato de seu pai ser um médico salvou sua vida. Ele disse que você e Vaughn ficaram muito doentes quando bebês. Embora não soubesse por que vocês estavam doentes, ele conseguiu tratá-los.

Os dedos de Lena acariciaram o dorso da mão de Nate distraidamente. — O que me fez finalmente mudar?

— Adrenalina, — disse Eidolon. — Provavelmente combinada com forte emoção. Seja o que for, você passou pela parede que tinha. Uma agitação começou do lado de fora do quarto. — Essa é a minha sugestão. Nate, você deve se alimentar o mais rápido possível e faça isso por um par de dias. Além disso, vocês dois podem ir. Lena, me ligue mais tarde.

No segundo que o médico se foi, Nate se moveu, levando Lena em seus braços, e a puxando para cima dele. A pitada de dor em seu peito valia a pena por ter seu corpo contra o dele. — Sinto muito Vladlena. — Ele olhou nos olhos dela, rezando para

que ela visse o intenso arrependimento dele. — Sinto muito, eu te coloquei naquela bagunça.

Ela balançou a cabeça, fazendo sua trança tocar no pescoço dele. — Eu não estou. Quero dizer, eu poderia ter passado sem quase ser morta, mas por causa disso, eu consegui mudar. Realmente, estar naquela arena salvou minha vida.

— Eu matei seu irmão.

Sua mão virou para cobrir sua bochecha. — Ele teria me matado se você não tivesse o matado.

Agradeceu aos deuses por ela estar bem com o que fizera, porque ele não iria retirá-lo, ainda que pudesse. Aquele desgraçado merecia morrer. Uma súbita onda de pânico disparou através dele quando os eventos na arena voltaram para ele.

— O que aconteceu com Fade? E o clube. Merda... Marsden...

— Marsden está bem, — ela assegurou. — Na verdade, ele esteve aqui há pouco para verificar você. Gladius foi fechado e Fade morreu.

Se isso fosse verdade, e a realidade era como uma chama. O demônio caçaria Nate e Lena até os confins da terra. — Ele pode ressuscitar.

Um sorriso perverso tocou os lábios dela, mexendo as brasas do fogo que acabara de ser extinguido. — Sim reconheceu a espécie demoníaca dele. Seus restos ficarão armazenados no depósito até que possamos identificar e matar seu *vivacant*.

Droga, Lena e seus colegas eram incríveis. — Eu posso ajudar com isso. — Ele a beijou, uma roçar fugaz de sua boca sobre a dela. — Oh, ei, eu quero encontrar aquele vampiro que vi anteriormente.

— Você terá que ser mais específico, — ela disse com ironia. — Este lugar está cheio de presas.

— Alto. Louro. Usando armadura. Ele é o cara que me

transformou. — Ele a beijou de novo, desta vez apenas o tempo suficiente para provar o brilho labial de pêssego. — Eu quero agradecê-lo. Nunca pensei em dizer isso.

Ela franziu a testa. — O único homem que se encaixa nessa descrição que eu vi não é um vampiro. Ele é um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Nate bufou. — Ok, certo.

— Sêrio. — A cabeça dela balançou e a pele gelada assumiu um rubor excitado que poderia ter despertado ciúmes se Nate não estivesse assim... enrolado. — O nome dele é Thanatos. Ele esteve aqui há pouco.

Sim, foi o suficiente para deixá-lo tonto. — Esses caras são reais?

— Muito.

Nate soprou uma respiração atordoada. — Talvez eu não tenha visto meu pai, então. Deve ter sido uma alucinação.

Fechando os olhos, enterrou o rosto no pescoço de Lena, pegando as suaves notas florais de seu shampoo e sabão. Ela tinha um cheiro limpo, como um banho, e de repente, tudo o que ele podia pensar era tomá-la sob um spray de água quente, nua, com as mãos espalhadas por cada centímetro de sua pele.

— Então, você quer varrer o hospital a procura de seu pai? — Ela perguntou; sua voz um murmúrio rouco. — Ou prefere ir para casa? Porque eu sei o que prefiro fazer.

Ele também. Durante duzentos anos ele procurou seu pai, e agora, ele percebeu, não importava. O passado não era mais importante. Somente o futuro importava, e ele iria garantir que o futuro incluísse Lena.

Vladlena ia fazer sexo. E já não era sem tempo.

Antes de sair do hospital, Nate tomou banho e vestiu as roupas de hospital para a viagem para casa. Então eles pegaram um Harrogate para a casa dele, uma mansão

encantadora no campo francês. No início, ela ficou surpresa com a casa dele, esperando que ele fosse mais um morador da cidade, com um apartamento moderno. Mas em poucos minutos, o mobiliário acolhedor, mas utilitário, e a decoração masculina faziam tanto sentido como uma juba em um leão. Era como se ao pisar o limiar ele se transformasse de um vampiro intenso e alerta em um homem à vontade dentro de seu próprio território.

Ela também notou que mesmo que ele relaxasse, acendendo um fogo e enchendo copos de vinho, ele nunca deixou de olhá-la, seu olhar ficou mais aquecido no segundo que ambos arderam e acabaram nus no tapete diante da lareira.

Lena nem se lembrou de como suas roupas saíram. Não importava. Tudo o que importava era que eles estavam emaranhados em um nó tão apertado que nunca poderiam desvendar. A coxa musculosa de Nate entre suas pernas, pressionando contra o seu núcleo com a pressão mais incrível que acalmou a dor latejante e a fez se contorcer por mais.

Vladlena poderia ter sido protegida, pode ter sido um pouco ingênua. Mas ela teve orgasmos, tanto sozinha quanto pela mão experiente de Nate. E agora que ela sabia quão melhor era o clímax com um homem que exalava sexo com todas as fibras de seu ser? Seu instinto de caça se comprometeu.

E Nate era a presa.

— Agora, — ela gemeu, deslizando a mão pelo peito até a barriga e empurrando-a para baixo.

Ele sorriu contra a pele de seu outro seio, dando uma pausa no deslizar enlouquecedor de sua língua no mamilo. — Como eu pensei que você fosse inocente está além de mim.

Ela arqueou, rolando os quadris em um convite flagrante. — Vamos livrar-nos de toda dúvida.

Rindo, ele colocou os lábios sobre o esterno em um beijo de boca aberta que incluía muita língua sedosa. Foi incrível, mas não o que ela queria, e ela pegou o pênis para mostrar o

que queria fazer. Seu silvo de prazer acompanhou uma picada quente das pontas das presas raspando sua pele, e deuses, ela quase gozou. Um clímax se construiu como vapor sem aviso prévio, e ela teve que resistir à tentação de montar suas pernas até gozar, como um cachorrinho... bem... lobo.

Isso era uma notícia chocante, mas fazia sentido, acalmou a voz irritante que sempre lhe dizia que ela era diferente. Agora sabia o porquê, e não se importava com o fato de ter acontecido ou quem era seu pai biológico. Ela sempre viveu no presente, e atualmente, um vampiro de corpo duro e sexy deslizava pela sua barriga.

A respiração dele travou quando foi mais baixo, pressionando um beijo persistente no vinco entre sua perna e seu sexo. Ok, ela pensou que estava pronta para isso, mas de repente, seu coração batia em suas costelas, seus pulmões se tornaram cimento e...

Ele a lambeu. Sua língua foi até seu centro, e ela se derreteu em uma poça de necessidade líquida. Ela se contorceu, sem saber como lidar com isso, mas as mãos dele dispararam para ela, com um braço pesado em sua pelve e o outro a espalhando pela embriaguez da boca em sua carne inchada.

Obviamente, Lena não experimentou sexo oral, então não tinha um quadro de referência quando se tratava de habilidade. Mas quando Nate mergulhou um dedo dentro de seu núcleo e encostou os lábios no centro do seu prazer, ela realmente, fantasticamente, seria uma especialista. Ela se debateu e se contorceu no controle dele, e o orgasmo que estava fervendo entrou em erupção. Ele a trabalhou através de longas e esparramadas saídas de língua e a pressão intensa em seu clitóris. Ela tinha certeza de que gritava o nome dele, e então ele estava em cima dela, seu glorioso cabelo caindo e fazendo cócegas em sua pele, a ponta do pênis pousando em sua entrada.

Seu olhar pegou e segurou o dela, cheio de preocupação e

calor fundido.

— Não tenha medo, — ele sussurrou.

— Não tenho. — Ela moldou seu rosto com as duas mãos e olhou profundamente em seus olhos. — Eu quero isso mais do que qualquer coisa.

Lentamente, baixou a boca na dela. Seu corpo inteiro tremia de antecipação enquanto a boca dele tocava seus lábios. Apesar de ter acabado de ter um clímax de classe mundial, ela ergueu os quadris, buscando a posse dele.

— Shh, — ele murmurou. — Quase. — Externamente ele estava calmo, com controle, mas o leve tremor em sua voz o entregou. Estava tão afetado por isso como ela.

Ela se abriu para ele... a boca, as pernas, todo o seu ser. Suave, com cuidado, sua língua abriu os lábios, acariciando, penetrando e recuando. Ela se perdeu no ritmo, tão perdida que quase não percebeu a cabeça de seu pênis passando pela entrada.

— Tão... Apertada... — sua voz estava gravemente tensa, e ela sabia que ele estava lutando pelo controle. — Estou machucando você?

— Nem mesmo perto. — Agarrando seus ombros poderosos, ela ergueu as unhas, amando o jeito que ele a fez sibilar com aprovação e empurrou mais fundo dentro dela.

— A mudança... — ele enterrou o rosto no pescoço e estremeceu; seu grande corpo agitado, como se o esforço para permanecer imóvel o matasse.

— Isso quebra meu hímen. — Seu pênis se contraiu dentro dela, atingindo algo sensível que a fez ofegar. — Por favor, Nate. *Agora*.

Seus quadris apertaram-se para frente, colocando-o totalmente dentro dela. Ela ofegou com a sensação de estar tão cheia e esticada, mas definitivamente não era um sentimento desagradável. Apenas o oposto, e quando ele começou a se mover, lentamente no início, e depois com mais urgência, a energia erótica lambeu-a, as ondas crescendo, construindo com

cada impulso.

Ela se arqueou nele, embrulhando as pernas firmemente ao redor da cintura para montar seu ritmo. Ele ergueu a cabeça para vê-la através das pálpebras semicerradas, o azul de seus olhos brilhando atrás delas. Na luz dançante do fogo, seus músculos duros se agarraram e flexionaram, as camadas tensas rolavam sob a pele perfeita.

Isso foi tão bonito, mais do que jamais imaginou. Mesmo o peso dele era maravilhoso, um contador para a feminilidade que a fazia se sentir tão protegida.

A velocidade dos impulsos dele aumentou, e seu corpo tremia. Ah... sim. Certo... há. Lançando a cabeça para trás, ela ofegou com o êxtase repentino e quente que se enroscava em seu núcleo. Ele fez um som desesperado no peito, enviando uma onda de paixão que a atravessou. Ela moeu contra ela com uma urgência indomável, a qual ele parecia invocar dela com uma pecaminosa facilidade.

O orgasmo dele pairava perto, ardendo de calor, e quando abaixou a boca para a garganta, as pontas das presas descansando em sua pele, ela praticamente implorou para que ele a mordesse. Eidolon ordenou que ele se alimentasse, afinal.

— Obrigado — ele brincou, mas em vez de uma mordida, ele girou a língua sobre sua veia. — Oh, deuses, Lena... fomos... feitos um para o outro.

Ela acreditava com todo o coração. Eles se encaixam perfeitamente, e ela queria fazer muito mais juntos. Frequentemente.

Finalmente, ele afundou os dentes na carne dela. O calor a inundou, uma febre de prazer que enrolou em sua pele e incendiou seu interior. O clímax a varreu para longe, para que pudesse sentir apenas Nate. A libertação dele foi tão poderosa quanto a dela, se a forma como ele batia nela com explosões fortes e descontroladas fossem qualquer indicação. Continuou o tempo suficiente para que ela voltasse, seus quadris saindo do tapete e o nome dele dos seus lábios.

Abruptamente, ele caiu sobre ela, embora tenha deslocado seu peso para evitar que ela recebesse tudo. Ela teria, com prazer. Mas também foi bom. Ele ainda estava dentro dela, e ela conseguiu acariciar suas costas musculosas e agradecer-lhe sem dizer uma palavra.

Depois de um momento, ele rolou em seu lado e a ajustou para que estivessem de frente um para o outro, banhados no brilho quente do fogo. Ele tocou seu rosto, o polegar escovando sua bochecha em traços preguiçosos e suaves. — Eu machuquei você?

— Nem mesmo perto.

Olhos possessivos focados nela. — Trabalhe para mim.

Uau. Ok. Não eram palavras que ela esperava ouvir. — O que? Você quer dizer como, no Thirst?

— É meu agora. Esse foi o acordo com Fade. Thirst, Gladius, é tudo meu.

Uma bigorna caiu em seu peito. — Gladius.

Ele sorriu. — Desmantelar isso será a primeira coisa que eu farei. Mas coloquei muito trabalho no clube. É um lugar decente, e quero você lá. Eu quero você a cargo do posto médico.

Ela não podia negar que a oferta era tentadora. Ter autonomia... algo para si mesma... Era o que sempre quis. Mas ela devia tanto ao Underworld General, e com a forma como o submundo estava fora de controle, eles não podiam perdê-la.

— Já tenho um emprego, ela suspirou.

— Você não precisa escolher. Trabalhe no UG, mas supervisione o posto médico e o pessoal da Thirst. Você pode contratar seus colegas no hospital para preencher seu lugar. Você pode usar Thirst para treinar. Não ligo. Seria seu para fazer o que quiser com ele.

Fechando os olhos, ela agradeceu a quem estava ouvindo por encontrar esse macho. Os instintos caninos que ela nem sabia que possuía haviam percebido, de alguma forma, que por trás de seu exterior duro, havia um vampiro atencioso e

amoroso, mesmo quando ele estava sendo idiota. E agora entendeu o motivo pelo qual ele era tão bastardo às vezes.

Mas isso não significava que ela fosse deixá-lo passar por cima dela.

— Bem? — Ele varreu seus lábios com ternura sobre os dela. — O que você diz?

Ela abriu os olhos. — Eu farei isso, mas com uma condição.

Ele ergueu uma sobrancelha negra. — E isso seria?

— Não trabalho para você. Eu trabalho com você. O assunto médico será inteiramente meu.

— Mulher, — ele disse, pressionando uma série de beijos ao longo da mandíbula, — Você pode ter o que quiser. Devo a você.

— Pelo o quê? — Ela inclinou a cabeça para dar-lhe um melhor acesso, porque isso parecia assim... malditamente...bom.

— Por salvar a minha vida. — Sua voz baixou para um ronronar hipnotizante, e contra seu quadril ela sentiu seu eixo se mexer. — Por me dar vida. Eu estava morto antes. Você me trouxe de volta, enfermeira Lena.

Ela se moveu para que pudesse acariciar a orelha dele. — Você fez o mesmo por mim. Então, aonde vamos daqui?

— Se você me quiser, todo o caminho.

— Até o fim?

Ele empurrou os cotovelos e rolou para montá-la. Ao aceitá-lo em seu corpo, ele encontrou os olhos dela, seus olhos brilhando com paixão e promessa. — Até o fim.

{1} Ele foi expulso.

{2} Reanimação cardiorrespiratória, um conjunto de manobras destinadas a garantir a oxigenação dos órgãos quando a circulação do sangue de uma pessoa para.